



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**Instituto de Linguística, Letras e Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras**  
**Área de Concentração: Linguagem e Sociedade**

**Joyce Cordeiro Rebelo**

**TRAUMAS DE GUERRA:**

**Memórias femininas na obra *Se o passado não tivesse asas*, de Pepetela**

**Marabá**

**2022**

**Joyce Cordeiro Rebelo**

**TRAUMAS DE GUERRA:**

**Memórias femininas na obra *Se o passado não tivesse asas*, de Pepetela**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (POSLET) Área de Concentração: Linguagem e Sociedade, do Instituto de Linguística, Letras e Artes (ILLA), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.**

**Orientador: Prof. Dr. Fabio Mario da Silva**

**Marabá**

**2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará**  
**Biblioteca Setorial Campus do Taurizinho**

R291t Rebelo, Joyce Cordeiro

Traumas de guerra: Memórias femininas na obra *Se o passado não tivesse asas*, de Pepetela / Joyce Cordeiro Rebelo. — 2022.  
90 f. : il. color.

Orientador(a): Fabio Mario da Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará,  
Instituto de Linguística, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras  
(POSLET), Marabá, 2022.

1. Literatura angolana. 2. Ficção angolana. 3. Memória  
e identidade. 4. Pepetela, 1941-. 5. Espaço e tempo. I. Silva, Fabio Mario da, orient. II.

Título.

CDD: 22. ed.: A869.3

**Joyce Cordeiro Rebelo**

**TRAUMAS DE GUERRA:**

**Memórias femininas na obra *Se o passado não tivesse asas*, de Pepetela**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (POSLET). Área de Concentração: Linguagem e Sociedade/ Linha de Pesquisa Estudos comparados, culturais e interdisciplinares em Literatura, do Instituto de Linguística, Letras e Artes (ILLA), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.**

**Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Fabio Mario da Silva (Orientador)**

---

**Prof. Dr. José Rosa dos Santos Junior (Membro Interno/POSLET)**

---

**Prof. Dr. Robson Caetano dos Santos (Membro Externo/UNEMAT)**

Dedico esse trabalho ao meu amado esposo Júlio, companheiro de todas as lutas, militâncias e conquistas em nossas várias jornadas, e também aos meus filhos Pablo e Cindy, minhas maiores motivações para sempre prosseguir.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, e acima de todas as coisas, agradeço a Deus, força suprema para quem devemos tributar todas as conquistas, sabedoria e energia para prosseguir;

Em segundo lugar, agradeço à minha querida mãe, incentivadora sempre presente, que nunca me deixou desistir;

Aos meus companheiros do SINTEP de Marabá;

A todos os professores do POSLET da UNIFESSPA, pelo conhecimento compartilhado nas disciplinas, que contribuíram certamente para o amadurecimento desse trabalho;

Aos colegas mestrandos, pelas calorosas discussões e debates, que enriqueceram essa pesquisa, minha vida acadêmica e profissional;

À UNIFESSPA e a todo seu corpo docente, por disponibilizarem em nossa região a capacitação do mestrado, conquista há muito almejada para aqueles que, como eu, não podiam se deslocar para outras partes do país;

À minha primeira orientadora dessa pesquisa, prof. Dra. Liliane Batista Barros, que infelizmente não pode prosseguir devido à sua remoção, mas iniciou comigo os primeiros passos desse trabalho me apresentando Pepetela e sua obra *Se o passado não tivesse asas*, bem como a literatura de guerra proveniente dos países africanos em língua portuguesa, a qual muito me fascinou e ainda fascina;

Aos professores José Rosa dos Santos Junior e Robson Caetano dos Santos, por aceitarem compor a banca de defesa dessa dissertação e pelas sugestões na qualificação;

E, por último, mas não menos importante, ao meu orientador, professor Fabio Mario da Silva, pela paciência e valiosíssimas indicações de leitura, correções e orientações;

A todos os que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a conclusão desse trabalho, que representa também uma importante etapa em minha vida acadêmica e profissional.

“Angola pode sangrar sob o roubo dos seus recursos e a agressão dos seus inimigos. Angola pode estar perdendo soberania. Mas essa outra Angola, aquela que os livros de Pepetela consagraram, essa Angola resiste sob o olhar vigilante do seu grande coração” (COUTO, 2010, p. 394).

## RESUMO

O conceito de memória é inerente com a história literária dos países africanos em língua portuguesa, que constroem uma identidade no período pós-colonial e pós-guerra. A leitura do tempo e do espaço, em obras ficcionais, ajudam a evidenciar outras narrativas dos excluídos da história oficial. Nessa perspectiva, essa dissertação analisa as estratégias narrativas de representação das memórias e dos traumas femininos de guerra, de uma forma metonímica e metafórica, no romance *Se o passado não tivesse asas*, do escritor angolano Pepetela, como maneira de revelar dois períodos distintos da história de seu país: a guerra de independência e o pós-guerra. Com o aporte teórico fundamentado em autores que dialogam em vários campos dos saberes, principalmente, Mikhail Bakhtin, Frantz Fanon, Márcio Seligmann-Silva, Paul Ricoeur, Sigmund Freud e Walter Benjamin, Denise Abreu e Joel Candau, esse estudo teve como objetivo principal evidenciar que, assim como as personagens Himba e Sofia tornam-se personagens que revivem a mesma narrativa, da mesma forma o tempo e o espaço são iguais na diegese, ou seja, se fundem na perspectiva do cronotopo bakhtiano – isso nos ajuda a refletir sobre o conceito de memória e identidade angolana. Selecionando alguns espaços na obra, tais como a floresta, a ilha da cidade de Luanda, o orfanato, o restaurante e o apartamento, demonstra-se como o trauma está presente na diegese de maneira evidente, mesmo de forma camuflada em objetos, nomes, diálogos e narrativas secundárias e paralelas. Os resultados da análise dessa estratégia narrativa evidenciam e conduzem a reflexão sobre o que “corrompeu” a protagonista, representando a nova sociedade angolana elitista, que enriqueceu com o sofrimento de seus compatriotas mais desfavorecidos e a obrigou a se adaptar ao novo sistema que se instaurou em Angola no período pós-guerra.

**Palavras-chave:** Memória e identidade. Tempo e espaço. Angola. Estratégias narrativas. Trauma de guerra feminino.

## ABSTRACT

The concept of memory is inherent with the literary history of African countries in the Portuguese language seeking an identity in the post-periodcolonial and post-war as well as the reading of time and space as inseparable and evidence other narratives of those excluded from official history. In this perspective this dissertation analyzes the narrative strategies to represent the memories and the feminine traumas of war, in a metonymic and metaphorical way, in the novel *Se o passado não tivesse asas*, by the Angolan writer Pepetela, as a way of revealing two distinct periods of your country's history: the war of independence and the post-war period. With the theoretical input based on authors who dialogue in various fields of knowledge mainly Mikhail Bakhtin, Frantz Fanon, Márcio Seligmann-Silva, Paul Ricoeur, Sigmund Freud and Walter Benjamin, Denise Abreu and Joel Candau, this study aimed to highlight that, just as the characters Himba and Sofia become characters who relive the same narrative, in the same way time and space are equal in diegese, that is, merge in the perspective of the Bakhtian cronotopo, which helps us to reflect on the concept of Angolan memory and identity. Selecting some spaces in the work such as the forest, the island of the city of Luanda, the orphanage, the restaurant and the apartment to demonstrate how the trauma is present in everything, even camouflaged in objects, names, dialogues and secondary and parallel narratives. The results of the analysis of this narrative strategy highlight and lead the reflection on what "corrupted" the protagonist, representing the new elitist Angolan society, which enriched itself with the suffering of its most disadvantaged compatriots and forced it to adapt to the new system that was established in Angola in the post-war period.

**Keywords:** Memory and identity. Time and space. Angola. Narrative strategies. Trauma of female war.

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 TRAUMA E MEMÓRIA NAS LITERATURAS AFRICANAS SOBRE A GUERRA</b> .....	15
1.1 A guerra pela independência, a guerra civil e o pós-guerra em Angola.....	15
1.2 As reverberações da guerra na literatura, história e outras áreas de conhecimento.....	21
<b>2 TRAUMAS METONÍMICOS E MEMÓRIAS ENCOBERTAS: HIMBA</b> .....	28
2.1 O trauma metonimizado.....	28
2.2 As narrativas paralelas.....	35
2.3 O estupro e sua representatividade no mundo masculino e capitalista.....	43
<b>3 A BUSCA POR APAGAR AS MEMÓRIAS: SOFIA</b> .....	48
3.1 A simbologia dos nomes.....	50
3.2 O “branqueamento social” de Sofia.....	59
<b>4 A FUSÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO NAS MEMÓRIAS</b> .....	66
4.1 Eu sou o que seu país fez de mim: momento epifânico.....	66
4.2 O trauma no espaço.....	70
4.2.1 Floresta.....	72
4.2.2 Ilha de Luanda.....	74
4.2.3 Orfanato.....	76
4.2.5 Apartamento.....	78
4.2.5 Restaurante.....	81
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	84
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87

## INTRODUÇÃO

Apresentar romances como modelos literários que têm objetivos políticos é algo bastante comum nas literaturas de países africanos em língua portuguesa, principalmente no período pós-independência, tal como ocorre em Angola e em Moçambique. Poder-se-ia dizer que nessas literaturas há a pretensão de buscar e se afirmar uma identidade única que seja diferente de sua ex-metrópole.

Percebe-se, nessas obras literárias, uma contestação ideológica contra o vasto legado sociopolítico e cultural do poder colonial, dando voz ao “periférico”. Este tipo de argumento, embora altamente pertinente, não é novo. Há vários teóricos pós-coloniais, como, por exemplo, Homi Bhabha, Frantz Fanon e Ngũgĩ wa Thiong'o que se dedicam, mais especificamente, ao mundo lusófono e as consequências da colonização portuguesa.

Destaca-se que o sistema colonial na África criou “um mundo partido em dois”, ou seja, o negro contra si mesmo, conforme perspectiva teorizada pelo estudioso Fanon (2008), sendo que, conforme refere o mesmo autor, “é preciso libertar o homem de cor de si mesmo. Lentamente, porque há dois campos: o branco e o negro” (FANON, 2008, p. 26).

Nesse cenário, Angola atravessou dois séculos do processo de colonização, escravidão e guerra pela independência, ocorrida em 15 de janeiro de 1975, bem como, posteriormente, viveu a guerra civil, de 1975 a 2002. Em suas reverberações na literatura, obras importantes de Pepetela, como, por exemplo, *A geração da Utopia*, apresentam uma geração que projeta o sonho de uma sociedade angolana igualitária. Esses sonhos são reflexos da realidade social e histórica que Angola tem passado nos últimos anos. Essa utopia, sobre a mudança de perspectiva na construção de um projeto de nação angolana, não acabou, pois ainda há resistência dos sobreviventes da guerra em Angola na luta pela reconstrução de seus espaços. No entanto, Pepetela discute, no romance *Se o passado não tivesse asas*, os perigos e as mudanças do estado angolano no pós-colonialismo, no pós-guerra civil e suas consequências sobre a nação. Nesse contexto, destaca-se a vulnerabilidade social, a disseminação da miséria, os acometimentos de crimes, a ganância e o surgimento de predadores e os aculturados, e a falta de políticas de um Estado que proteja e agregue as famílias angolanas que mais sofreram os impactos da guerra.

Seguindo esse mesmo norte, Pepetela apresenta em sua obra *Se o passado não tivesse asas* as personagens Himba e Sofia. Duas mulheres em idades diferentes com duas personalidades aparentemente distintas, apresentadas em duas narrativas paralelas. Defende-se nessa dissertação que as personagens caracterizam representações femininas a partir das consequências da guerra civil em Angola, no que se refere à violência física e psicológica, ao abandono e ao descaso social, ocasionando medos e traumas representados metonímica e metaforicamente em suas memórias. Essas narrativas devem ser contadas para uma nova Angola, modernizada, mas que, paradoxalmente, não pode esquecer suas raízes históricas, seu passado traumático e a carga ideológica dos colonizadores.

Conforme postas em dois momentos diferentes da história angolana, a primeira narrativa descreve a chegada de Himba à Luanda, e sua luta pela sobrevivência como uma criança órfã de guerra, após a morte de todos os membros de sua família por um ataque guerrilheiro; a segunda narrativa descreve uma mulher adulta de cerca de 30 anos, Sofia, que está em um processo de reconstrução de sua vida, em um bairro de classe média em Luanda, onde passa de empregada a próspera dona de um restaurante, fazendo parte da refinada elite angolana. A mesma elite que enriqueceu ilicitamente com os despojos de guerra, a miséria e o sofrimento de seus compatriotas.

A obra tenta demonstrar que há um esforço em negar o passado, como um próprio título da obra sugere, numa tentativa inútil em apagá-lo. Os traumas de guerra estão lá, na memória das protagonistas, tão vívidos quanto foram no passado, sendo que a guerra e seus traumas vão continuar representados no campo simbólico.

Com esse norte, é pertinente questionar: o que (possivelmente) a obra busca demonstrar com essa estratégia narrativa? Que recursos literários foram empregados para representar os traumas femininos de guerra? Como a escrita pepeteliana transpõe ou recria a violência e o trauma na esfera artística, representando e metonimizando esses elementos em suas personagens, no tempo e no espaço?

Para tal intento far-se-á uma releitura da obra, buscando apontar de que forma, através de episódios, personagens e espaços, transmutam-se, por assim dizer, na memória das personagens protagonistas, acontecimentos singulares, apresentando as consequências da guerra civil angolana, e suas lembranças traumáticas, a partir da visão feminina.

Também, contrariando tudo que a narrativa aparenta estar demonstrando, ou seja, da ilusão que as histórias de vida de Himba e Sofia são apresentadas em idades ou períodos diferentes, busca-se comprovar, nesse estudo, que, assim como ambas são a mesma personagem, ou seja, elas são renomeadas pelo autor, também o tempo e o espaço são os mesmos: o tempo é o da memória da personagem; e o espaço é o da guerra. Essa última sempre presente e constante, pois conforme assinalou o estudo de Souza: “Não só o tempo faz com que a diferença entre ambas seja observada, mas o espaço que cada uma ocupa socialmente” (SOUZA, 2018, p. 617).

Em síntese, nosso objetivo é analisar a estratégia narrativa pepetelina em utilizar duas personagens para representar as duas faces das consequências da guerra civil angolana, na perspectiva feminina do trauma.

Por sua vez, para alcançar esse objetivo geral utilizaremos os seguintes objetivos específicos:

i) interpretar, metonimicamente e metaforicamente, no tempo e no espaço, elementos e acontecimentos traumáticos que foram “camuflados” na memória da personagem Himba, no período ainda da guerra civil angolana;

ii) o que “corrompeu” a personagem Sofia (que possivelmente representa a nova sociedade angolana elitista, que enriqueceu com a miséria de seus compatriotas mais desfavorecidos), ou o que a obrigou a se moldar ou a se adaptar ao novo sistema capitalista que se instaurou em Angola no período pós-guerra;

iii) aplicar a teoria cronotópica em espaços selecionados na narrativa da obra, demonstrando que o trauma ainda permanece e está presente em tudo, ou seja, na memória da personagem.

No primeiro capítulo apresenta-se a parte fundamental de aporte teórico e uma seção sobre a história da guerra em Angola, com o objetivo de situar o leitor acerca de acontecimentos históricos presentes na obra. Nessa seção – e é importante ressaltar – utiliza-se teóricos que não são apenas eurocentristas, mas apresentam sua visão sobre as consequências da neocolonização africana, ou seja, a visão do vencido e explorado, e não apenas do “vencedor”.

No segundo capítulo, esmiuça-se os traumas que perpassaram a personagem Himba, usando como suporte teórico o conceito de “lembranças encobridoras” de Freud, sendo que é perceptível que acontecimentos, objetos e nomes aparentemente supérfluos que se fixaram ou foram retidos na memória da protagonista, buscam na

verdade esconder ou atenuar os traumas mais violentos da narrativa. Destacamos ainda nesse capítulo para as narrativas secundárias do romance, ou estórias das vítimas da guerra (as quais há uma distinção da história oficial, com “H”) e também para uma análise da representatividade do estupro de Himba, da forma como é apresentada no livro, sob o viés da dominação colonial e poderio capitalista e masculino em si sobre a mulher.

No terceiro capítulo, analisamos as possíveis transformações que ocorreram com a personagem Sofia, que representa a ascensão dos novos-ricos de Angola os quais enriqueceram ilicitamente, aproveitando-se dos despojos de guerra e do sofrimento de seus compatriotas; e também buscamos evidenciar o que permaneceu inalterado no interior da personagem, ou seja, os traumas que permaneceram camuflados e retornam, ciclicamente, sob outras formas.

No quarto capítulo, far-se-á um levantamento de como o trauma se apresenta no romance, fundido-se em seu espaço-tempo, após a revelação de seu momento epifânico e, por fim, nas considerações finais, haverá uma auto avaliação de todo o trajeto que percorremos na pesquisa e se os objetivos foram alcançados, já sabendo de antemão que outros não previstos surgiriam ao longo da análise, pois não é nosso intuito deixar a temática sobre o trauma de guerra, memória e identidade feminina fechada nas literaturas africanas em língua portuguesa, mas suscitar novas indagações e trabalhos futuros.

## **1 TRAUMA E MEMÓRIA FEMININAS NAS LITERATURAS AFRICANAS SOBRE A GUERRA**

Como dito anteriormente, o romance *Se o passado não tivesse asas* pode representar literariamente, através de suas personagens, dois momentos da história angolana: o período da guerra civil (isto é, a luta entre as facções pelo poder após a independência da colônia em relação a Portugal) e o pós-guerra (período de reestruturação política e econômica do país). Portanto, é importante contextualizar, para os propósitos de nossa análise, esses dois períodos históricos, bem como a relação da literatura com a história, propriamente dita, e outras áreas de conhecimento, como, por exemplo, a psicologia (que trata sobre o trauma), a sociologia e a teoria literária. Nesse ínterim, é importante ressaltar que esse trabalho, embora lance mão da história, psicanálise e sociologia, trata-se de analisar como a literatura apresenta o trauma, as consequências da guerra e o seu registro em uma situação muito mais humana e vulnerável, como a da mulher.

Assim sendo, neste capítulo fala-se um pouco sobre a história de Angola, sua guerra civil e a sociedade angolana no pós-guerra, contextualizando com a literatura africana dos países de língua portuguesa.

### **1.1 A guerra pela independência, a guerra civil e o pós-guerra em Angola**

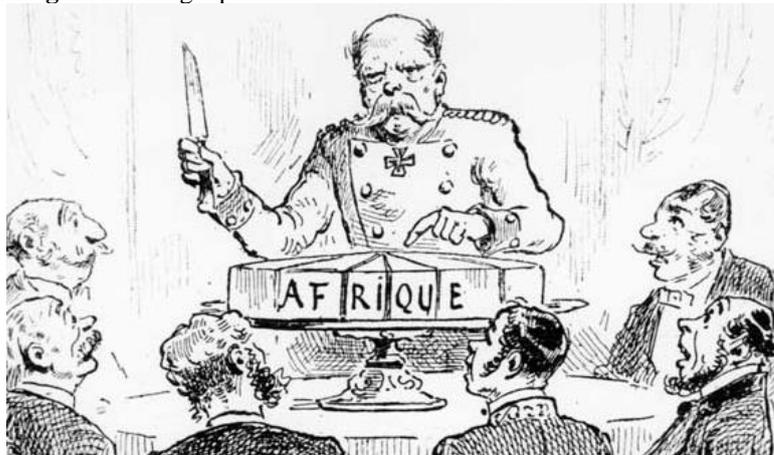
Ao analisar atentamente o mapa do continente africano atual, em comparação com o restante do globo, estranha-se as fronteiras de seus países serem tão “retas”, como se tivessem sido “repartidas” e geométricas medidas, enquanto, geralmente, em outros países as fronteiras são estabelecidas por rios, vales e ocupação demográfica natural. No século XIX, grandes potências europeias como França, Bélgica, Alemanha, Inglaterra e Portugal, iniciaram o que se chamou neocolonialismo<sup>1</sup> (o primeiro colonialismo tinha sido o povoamento das Américas, desde o descobrimento desta por Cristóvão Colombo) ou, como também ficou mais conhecido, o imperialismo, que nada mais foi do que a dominação política, econômica e ideológica de grandes potências europeias e também dos Estados Unidos, sobre países da Ásia e da África. Impulsionados pela revolução industrial, esses países buscavam ampliar seus mercados

---

<sup>1</sup> Uma das maiores autoridades indiscutíveis sobre o assunto é o historiador Eric J. Hobsbawm, em sua obra *A Era dos Impérios* (ver referência completa ao final do trabalho).

consumidores, ao mesmo tempo que buscavam outras fontes para exploração de matérias primas. O pretexto foi que os povos ditos “civilizados” e superiores deveriam difundir sua inteligência para outros, retirando-os do estado em que se encontravam de barbárie. Com essa conjuntura, essas potências imperialistas se reuniram na Conferência de Berlim, em 15 de novembro de 1884,<sup>2</sup> para realizarem a partilha da África entre si, conforme bem representam charges da época.

**Imagem 1:** Charge: partilha da África. Autor desconhecido.



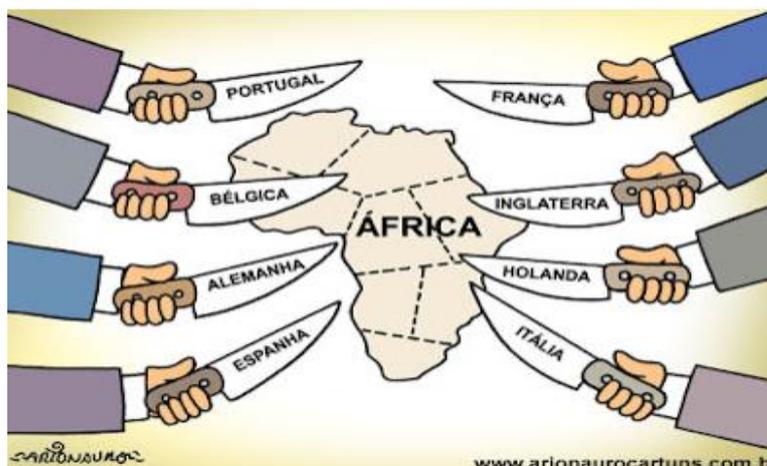
**Fonte:** <<https://br.pinterest.com/pin/774619204644439188/>>

Assim foram repartidos mais de 90 por cento do território africanos, nos anos que se seguiram e quase todas as fronteiras atuais da África foram advindas desse período de imperialismo. Após o final da Segunda Guerra Mundial e, aproveitando esse enfraquecimento das potências, os países africanos começaram a reivindicar suas emancipações políticas. Tais como os casos das colônias portuguesas: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, que iniciaram suas guerras de independência contra o Império Português, que começou a se esfacelar, principalmente após a queda do Estado Novo.

---

<sup>2</sup> Fonte: <<https://super.abril.com.br/especiais/a-partilha-da-africa/>> (com adaptações)

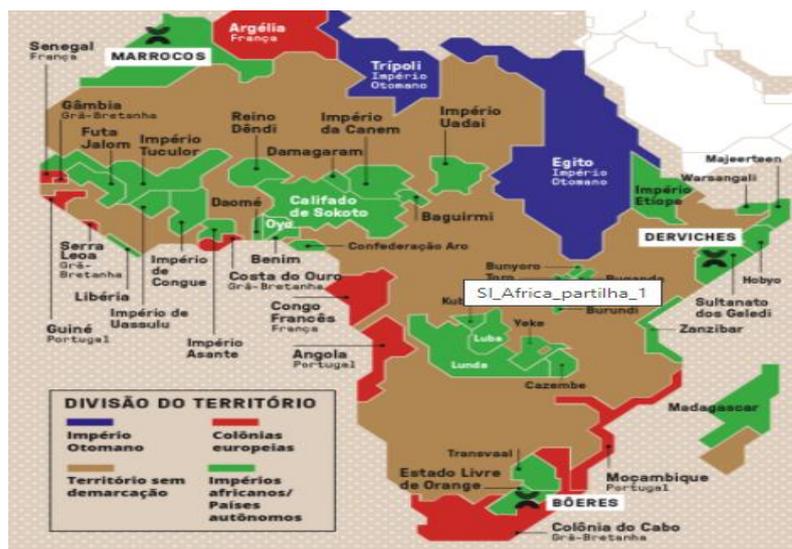
**Imagem 2:** Charge da atualidade sobre a partilha da África pelas potências europeias.



**Fonte:** <<http://www.arionaurocartuns.com.br/2018/10/charge-partilha-da-africa.html>>

Todavia, o grande problema que repercute até os dias atuais – como as retratadas no romance *Se o passado não tivesse asas*, no que diz respeito às consequências das guerras civis – é que, ao redesenhar o mapa do continente africano, essas potências europeias não consideraram ou respeitaram as diferenças étnicas, culturais e tribais já existentes, conforme representação abaixo. Aliás, esse foi inclusive um método utilizado das grandes potências: o de aproveitar-se dessa rivalidade local entre as etnias como forma de dominação.

**Imagem 3:** Mapa da África com tribos e etnias antes da divisão imperialista.



**Fonte:** <<https://super.abril.com.br/especiais/a-partilha-da-africa/>>

A angolana Rosa Melo em seu livro: *Homem é homem. Mulher é sapo: gênero e identidade entre os Handa no Sul de Angola*, declara já em seu prefácio que “em todas as sociedades humanas, os contextos sociais e políticos do presente são influenciados não só pelos acontecimentos históricos concretos mas também pelas ideias herdadas do passado” (MELO, 2007, p. 08). Em se tratando do caso de África, mais especificamente incluindo Angola, a intelectual pondera que “as formas coloniais de intervenção e dominação continuam a influenciar fortemente as percepções das realidades sociais e políticas pós-coloniais quer dentro, quer fora do continente” (MELO, 2007, p. 08), pois ela relembra que “as fronteiras herdadas do período colonial – subscritas pela maioria dos actuais [sic] Estados africanos – foram impostas pelos antigos poderes coloniais, em função de interesses e rivalidades económicas [sic] e políticas externas que pouco ou nada tinham a ver com as identidades sociais ou políticas africanas em presença” (MELO, 2007, p. 08).

**Imagem 2:** Mapa da África depois da partilha colonial



Fonte: <<https://super.abril.com.br/especiais/a-partilha-da-afrika/>>

Rosa Melo sintetiza, de uma forma bem lúcida, sua visão como habitante do continente e de uma determinada etnia angolana, os resultados de tal desastrosa política colonial para os povos africanos e para seu país:

Daí que, hoje em dia, muitos povos afiliados social, cultural e linguisticamente se encontrarem divididos e dispersos entre vários Estados, enquanto a generalidade dos Estados africanos individuais abrange, dentre das suas fronteiras, uma diversidade de povos e línguas diferentes. (MELO, 2007, p. 08)

A guerra de libertação, como movimento contra o governo colonial português, teve como alicerces emancipatórios, os seguintes grupos: FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), liderada por Holden Roberto; MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), sob o comando de Agostinho Neto; UNITA (União Nacional para Independência Total de Angola), representada por Jonas Savimbi. Posteriormente, de uma dissidência no seio do MPLA, nasceu a Revolta do Leste e a Revolta Activa, ambas sob a bandeira do MPLA. Militar e geograficamente, os três movimentos de libertação estavam assim distribuídos: FNLA, no norte; MPLA, no norte e no leste; e UNITA, no leste. (CASTRO, 2000, p. 26).

Todavia, logo após a tão sonhada liberdade do império português, acelerada com a queda da ditadura de Salazar, iniciou-se a guerra civil pela disputa de poder entre os grupos que por ela lutaram. Por isso, Castro declara que as forças do exército portuguesa “formavam o inimigo comum para esses movimentos, mas, contrariando os interesses futuros de Angola, os movimentos de libertação também eram inimigos declarados entre si”. E logo em seguida diz que: “Todos sabiam que os combates entre eles eram mais violentos do que contra o exército regular instalado em Angola” (CASTRO, 2000, p. 27).

A Guerra de Independência de Angola iniciou-se a partir de 1966 e durou até 1974, com duração de 13 anos de intensos combates. Somente em 15 de janeiro de 1975 foi estabelecida a Independência de Angola com o Acordo do Alvor. Esse acordo, assinado entre o governo português e os principais movimentos de libertação de Angola, (MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola, FNLA; Frente Nacional de Libertação de Angola e UNITA; União Nacional para a Independência Total de Angola), em janeiro de 1975, em Alvor, no Algarve, estabeleceu os parâmetros para a partilha do poder. Esse acordo tinha o propósito de limitar o poder entre os três

movimentos, já mencionados, após a obtenção da independência de Angola, tida como necessária pelos dirigentes do novo regime português. Após a independência surgem três longos períodos, com intervalos, da Guerra Civil Angolana, que vai de 1975 a 2002.

Fátima Roque, em seu depoimento no livro *Angola: em nome da esperança*, relata, assim como Pepetela, o conflito entre o MPLA e o UNITA. Pertencendo ao último, a escritora era, evidentemente, de grupo de oposição ao que pertencia Pepetela. Na obra supracitada, encontra-se o depoimento de uma prisioneira política – mesmo transparecendo algum tipo de parcialidade em relação a causa que seu grupo defendia, a autora explicita as consequências dessa guerra interna:

A guerra continua e, desesperadamente grassa a fome, a doença, a destruição das infraestruturas e, o desespero, a mentira e o ressentimento. Já morreram dezenas de milhares de pessoas em Angola como consequência dos massacres, - limpeza ética -, conquista e reconquista de cidades e vilas, batalhas sangrentas, bombardeamentos de alvos civis, utilização de ajuda humanitária como arma política, destruição do patrimônio religioso, perseguição partidária, banditismo e falta de esperança no futuro. A propaganda, a manipulação, a contra-informação e o jogo de interesses econômicos continuam a ter a primazia, sem respeito pela vida e dignidade dos Angolanos, sem considerações pela verdade, pela ética e pelo futuro. (ROQUE, 1994, p. 16)

O dilema das causas da guerra civil angolana entre UNITA e MPLA é bem explícito em Roque, principalmente quando interpela-se no capítulo intitulado “Outra guerra, para quê?”, da supracitada obra. Obviamente que os interesses do povo não estavam entre essas motivações, como ela mesmo avalia:

Que objetivo teria hoje outra guerra? Defender o quê? A Pátria? Não, que esta ficaria cada vez mais destruída, mais pobre, mais endividada, mais dependente do estrangeiro. Defender a quem? O povo? Não, que este seria cada vez mais perseguido, mais enlutado, mais submerso na fome, na doença e na miséria. (ROQUE, 1994, p. 163)

A escritora fala sobre a irracionalidade dessa guerra, que não defendia uma causa justa e prejudicava aqueles que pensavam nos direitos e numa melhor qualidade de vida para a nação:

A luta duma nova guerra seria contra quem? Da UNITA contra o MPLA e do MPLA contra a UNITA? Nada disso. Seria de ambos contra o povo. Este é que ficaria sem casas, sem escolas, sem hospitais, sem estradas, sem roupas, sem comida, sem saúde, sem medicamentos, sem os filhos, sem alegria, se a vida.” E então ela se pronuncia de forma contundente sobre a “lógica” ou visão geral sobre essa guerra que se seguiu em Angola após a independência e Numa guerra civil são sempre dois exércitos a lutar contra o Povo da sua própria Nação. Um suicídio nacional. (ROQUE, 1994, p. 163)

Na obra de Pepetela, *A geração da utopia*, encontram-se essas questões apresentadas por Roque, como já reveladas por Lúcia Helena Marques Ribeiro: “De um lado, a utopia do Império que insistia em não morrer. De outro, a utopia de uma África possível, terra-mãe que poderia abrigar os seus filhos, sem o inferno da guerra” (RIBEIRO, 2012, p. 456). O próprio Pepetela refere em *A geração da utopia* o seguinte:

Isso de Utopia é verdade. Costumo pensar, diz Aníbal, que a nossa geração se devia chamar de Utopia. (...) Pensávamos que íamos conseguir construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o Paraíso dos cristãos, em suma. (...) E depois... Tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas perceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. (...) A Utopia morreu. (PEPETELA, 1997, p. 269)

Concorda-se, portanto, com a autora Rita Chaves (1999) ao mencionar que Pepetela é um autor que tem explorado e refletido em seus livros acerca da “dimensão insuspeita dos limites da vitória conquistada” com a independência, revelando um enorme “desencanto” perante a realidade da guerra civil durante os anos 1990, desencanto esse que se prolongou até a atualidade, fazendo com que a construção da nacionalidade angolana constitui-se um dos temas centrais da obra desse escritor. (CHAVES, 1999, p. 218).

## **1.2 As reverberações da guerra na literatura, na história e em outras áreas de conhecimento**

Theodor W. Adorno, citado por Ginzburg (2010), diz que se deve interpretar obras de arte (no caso as literárias) como “historiografia do inconsciente” de seu tempo. Como isso admite-se que a experiência histórica está presente nas obras, mas não de modo que os conteúdos sejam expostos de forma direta na superfície. (GINZBURG, 2010, p. 17).

Tal relação está presente em *Se o passado não tivesse asas*, através do que se denomina como a “História em contrapelo”. O termo é usado por Walter Benjamin (1985) como metáfora em uma semelhança com o ato de escovar um tapete ao contrário, revelando tudo que é esquecido e ruim em uma guerra – em lugar das conquistas, atos de bravura, vitórias e heroísmos. Ou seja, a visão dos perdedores ou

vencidos, como no caso das personagens Himba e Sofia<sup>3</sup>, que perderam família, inocência, segurança etc. São narrativas que a “História” oficial não conta nos livros, mas que a literatura, mesmo sob o véu da ficcionalidade, tenta suprir essa lacuna, haja visto que tal tema ainda é sensível de ser trabalhado em território angolano, devido a problemática política que ainda persiste no país. Desta forma, Pepetela, à luz do materialismo histórico, revela um olhar novo sobre as literaturas que falam da guerra.

Retomando o pensamento de Fanon sobre a realidade colonial e as consequências desse sistema que dividiu os africanos em duas categorias, pode-se observar a seguinte dinâmica nas personagens analisadas: os que desejam “ocidentalizar-se” e serem inseridos na nova ordem ou sistema (Sofia); e os esquecidos e que foram aniquilados pela guerra (Himba). Além de Fanon, outros autores como Hommi Bhabha e Edward Said falam sobre a identidade que se instaurou no mundo pós-colonial em luta contra à imposição ideológica dos colonizados.

Outro conceito coerente com essa perspectiva é a definição de “história vista de baixo”, que nos é apresentado por Sharpe (1992). Segundo este autor, vários historiadores, trabalhando em uma ampla variedade de períodos, países e tipos de história, conscientizaram-se do potencial para explorar novas perspectivas do passado, proporcionado pelo ponto de vista do soldado raso, e não do grande comandante (no exemplo em que ele apresenta); a história sempre tinha sido vista, desde os tempos clássicos, como um relato dos grandes feitos de homens considerados superiores (SHARPE, 1992, p. 40). Em linhas gerais, o próprio autor apresenta as possibilidades de leituras a partir dessa abordagem, que pode dialogar com a literatura:

Como abordagem, a história vista de baixo preenche comprovadamente duas funções importantes. A primeira é servir como um corretivo à história da elite, (...). A segunda é que, oferecendo uma abordagem alternativa, a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história. (SHARPE, 1992, p. 54)

---

<sup>3</sup> Ressalta-se que em momentos alternados dessa dissertação tratar-se-á, Himba e Sofia como a mesma pessoa e, em outros momentos, como personagens diferentes. Isso se deve ao fato não só por possuírem personalidades distintas e representarem dois momentos ou faces da guerra em Angola, mas também para cumprir os propósitos de nossa análise e da “possível” intencionalidade do autor em colocá-las como nomes e narrativas diferenciadas no romance, bem como conduzir o leitor a refletir sobre as fases da guerra angolana e suas consequências.

Consequentemente se presume que a história das pessoas comuns, mesmo quando estão envolvidos aspectos políticos de seu passado, não pode ser dissociada das considerações mais amplas da hierarquia ou do poder social. Por sua vez, isso conduz ao problema de como a história vista a partir dos considerados subalternos, deve ser ajustada, adequada ou ‘encaixada’ nas suas concepções mais amplas: “Ignorar este ponto, ao se tratar da história vista de baixo ou de qualquer tipo de história social, é arriscar a emergência de uma intensa fragmentação da escrita da história” (SHARPE, 1992, p. 54-55). Um aspecto importante, destacado por esse autor, é que os excluídos se sintam como “fazendo parte” da História, da cultura nacional de seus respectivos países, numa construção histórica coletiva e não apenas dependendo de personalidades importantes:

Os propósitos da história são variados, mas um deles é prover aqueles que a escrevem ou a lêem de um sentido de identidade, de um sentido de sua origem. Em um nível mais amplo, este pode tomar a forma do papel da história, embora fazendo parte da cultura nacional, na formação de uma identidade nacional. A história vista de baixo pode desempenhar um papel importante neste processo, recordando-nos que nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais. (SHARPE, 1992, p. 59-60)

Essa nova perspectiva, apresentada por Sharpe (1992), o ponto de vista dos “vencidos” ou “perdedores” da guerra, possibilita que outras visões não exploradas de grupos antes considerados “excluídos” ou “marginalizados” – dentre esses, a visão da mulher sobre a guerra – possam tornar-se conhecidas, permitindo enriquecer a (re)interpretação sobre nosso próprio passado:

Por conseguinte, nosso ponto final deve ser que, por mais valiosa que a história vista de baixo possa ser no auxílio ao estabelecimento da identidade das classes inferiores, deve ser retirada do gueto (ou da aldeia de camponeses, das ruas da classe trabalhadora, dos bairros miseráveis ou dos altos edifícios) e usada para criticar, redefinir e consolidar a corrente principal da história. Aqueles que escrevem a história vista de baixo não apenas proporcionaram um campo de trabalho que nos permite conhecer mais sobre o passado: também tornaram claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas. (SHARPE, 1992, p. 61-62)

Bhabha (2013) também discorre que as narrativas dos povos errantes, como os pós-colonizados, migrantes e demais minorias, que historicamente foram colocadas à margem da história oficial das nações e que seus discursos são, na verdade, contranarrativas, por conterem contrapontos da nação homogênea e horizontal.

É preciso também considerar a literatura de guerra ou literatura de combate, termo empregado para as obras que tiveram como temas a visão do colonizado e oprimido, bem como as guerras coloniais na África e as que se seguiram, como consequência do processo de descolonização ou disputa entre grupos rivais pelo poder. Sobre a primeira, Ribeiro esclarece que:

A literatura da guerra colonial portuguesa, enfoca preferencialmente a experiência do período que vai de 1961 até 1974. Ela aborda também o processo de colonialismo e seus efeitos, assumindo, na verdade, um compromisso anticolonial, numa sofrida avaliação dessa guerra. Coube, assim, a essa literatura trazer à tona os fatos que contrariavam a história oficial; propôs um outro olhar, o olhar de dentro, o olhar português e o africano. (RIBEIRO, 2012, p. 456)

A autora refere que os próprios autores portugueses não podiam questionar o fato de lutar contra um inimigo que defendia o seu próprio território (no caso, o africano), sua terra e suas culturas destruídas e exploradas por séculos pelo poder colonial. Essa situação mudou com a queda do regime ditatorial de Salazar e independência das colônias, quando finalmente as narrativas puderam denunciar as atrocidades do império colonial português: “Finalmente, os fatos reais da guerra, e também da situação pós-colonial da África abandonada à própria sorte nas guerras civis que se estabeleceram em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, puderam ser contados” (RIBEIRO, 2012, p. 457). Assim, qual o novo papel de Portugal e suas colônias no contexto atual em suas relações centro *versus* periférico? Respondendo essa pergunta, a pesquisadora ressalta que “essa literatura vai mais longe quando propõe outras reflexões sobre a condição pós-colonial e a consequente busca de um conceito de identidade e de nação” (RIBEIRO, 2012, p. 457). E todas essas indagações são alinhadas com os mesmos questionamentos da contemporaneidade:

A literatura dessa geração de autores de língua portuguesa, africanos ou portugueses, acrescenta elementos emparelhados com as indagações que a contemporaneidade histórica impõe. São elementos que se alinham com as propostas teóricas do pós-modernismo quando discute centro e periferia a partir das posições históricas assumidas por Portugal enquanto centro de um Império que se alargou da América ao Japão, ou de Portugal quando, após a desconstrução final desse mesmo Império, assumindo de vez o seu lugar de à beira-mar da Europa. (RIBEIRO, 2012, p. 457)

Inserindo-se na temática centro/periférico e subalterno/dominador, alude-se sobre o papel dos relatos das mulheres e sua importância para a literatura e a própria

historiografia atual. Michelle Perrot, em sua obra *Minha história das mulheres*, diz que “a primeira história que gostaria de contar é a história das mulheres. Hoje em dia ela soa evidente. Uma história ‘sem as mulheres’ parece impossível.” (PERROT, 2007, p. 12). Esses relatos, antes marginalizados, atualmente demonstram sua relevância no âmbito acadêmico por sua perspectiva singular, tendo em vista que:

No século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. Também ficou claro, finalmente, que a história das mulheres podia ser escrita. Hoje já é uma área acadêmica consolidada. (PERROT, 2007, p. 11)

Uma explicação para essa exclusão dos relatos femininos, ao longo da história, seria a mesma que se apresentou anteriormente com a visão da “história de baixo”: tais espaços ou acontecimentos, como as guerras e a política, foram vedadas às mulheres, por serem consideradas seres fracos e sem participação ativa na história, o que soa contraproducente e reforça a invisibilidade feminina:

‘Tudo é história’, dizia George Sand, como mais tarde Marguerite Yourcenar: ‘Tudo é história’. Por que as mulheres não pertenceriam à história? Tudo depende do sentido que se dê à palavra “história”. A história é o que acontece, a seqüência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso. Os ingleses distinguem story e history. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. (PERROT, 2007, p. 16)

Sufocadas, desprezadas e segregadas, as mulheres também tiveram da mesma forma seus relatos considerados como insignificantes e marginalizados. Narrativas contemporâneas, como a de *Se meu passado tivesse asas*, buscam reabilitar a importância feminina e, nessa pesquisa, tem-se a preocupação em analisar marcas no tempo e no espaço, a partir da memória.

Em se tratando do trauma feminino sobre a guerra, o aporte teórico principal será a tese de doutorado de Denise Borille de Abreu, intitulada *Nas tramas do trauma: as mulheres, a guerra e a escrita feminina em literaturas de língua portuguesa*, na qual a pesquisadora questiona que, se a guerra alcança e afeta a todos (homens, mulheres e crianças), porque o relato das mulheres deveria ser desconsiderado ou não tem importância como a dos homens?

A literatura, enquanto expressão artística do discurso escrito, aparece como possibilidade legítima de buscar representar e entender o que afeta uma sociedade. Não seria diferente no caso de uma guerra, de uma ação hegemônica que mobiliza a sociedade como um todo, afetando, em igual escala, homens, mulheres e crianças. Portanto, o estudo da linguagem feminina, em sua particularidade, faz-se necessário para entender como as mulheres se expressam sobre os efeitos do trauma de uma guerra. (ABREU, 2016, p. 57)

Denise Abreu pauta sua pesquisa em três aspectos pertinentes ao nosso trabalho: a guerra, a narrativa feminina e o trauma. É oportuno, nesse momento, também fazer uma distinção entre “autoria feminina” e “narrativas de personagens femininas” (no caso da obra do autor em análise), pois embora o escritor (entidade física) seja masculino (no caso, Pepetela), o narrador é uma criação ficcional e pode assumir diferentes roupagens, conforme a liberdade da criação literária lhe permitir.

Em se tratando do trauma, e mais especificamente o de guerra, há, muitas vezes, o desejo de apagá-lo da memória das vítimas. Como então representá-lo literariamente? Por meio de quais símbolos? Para Abreu: “O trauma pode ser definido, *a priori*, como uma experiência tão intensa do Real (fazendo uso da definição do real no sentido lacaniano) que parece impossível de ser simbolizada, ao menos num primeiro momento” (ABREU, 2016, p. 30).

Um dos principais autores que trabalham com a teoria do trauma é Segliman Silva, que também concorda acerca da dificuldade em narrar o testemunho traumático, bem como do importante papel desse tipo de narrativa para a sociedade: “nas perseguições violentas em massa de determinadas parcelas da população, a memória do trauma é sempre uma busca de *compromisso* entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade” (2008, p. 67).

Em se tratando do papel da memória coletiva na construção de identidades, Joël Candau (2016) a conceitua a partir dos estudos de Halbwachs, subdividindo-a em três: protomemória, memória propriamente dita e metamemória. A protomemória pode ser definida como a “memória social incorporada, tal como se expressa, por exemplo, nos gestos, nas práticas e na linguagem” (CANDAU, 2016, p. 119). Por conseguinte, a memória propriamente dita pode ser definida como a “evocação ou recordação voluntária”, como, por exemplo, “os saberes enciclopédicos, as crenças, as sensações e os sentimentos, que se beneficiam da cultura de memória que promove sua expansão em extensões artificiais” (CANDAU, 2016, p. 120). Já a metamemória “constitui-se naquela forma de memória reivindicada a partir de uma filiação ostensiva” (CANDAU,

2016, p. 137). Esta última diz respeito à construção identitária. É a representação que fazemos das próprias lembranças, o conhecimento que temos delas.

Para Joël Candau, há, em alguns textos literários, narradores que parecem colocar em ordem e tornar coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento mesmo da diegese: restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, “sublimações”, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, “vida sonhada”, ancoragens, interpretações e reinterpretações, que constituem a trama desse ato de memória como uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa. Com tal amparo teórico, pode-se contemplar a construção da identidade individual da protagonista de *Se o passado tivesse asas*, a partir da memória coletiva do povo angolano.

Por fim, estão as considerações sobre tempo e espaço de Bakhtin. Esse teórico aponta que “à interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura, chamaremos de cronotopo” (BAKHTIN, 2002, p. 211), sugerindo que a importância que o autor atribui ao papel do cronotopo, como operador da assimilação pela literatura do tempo e do espaço históricos, sendo que cada gênero do discurso se situa em um determinado cronotopo, para o qual terá determinado horizonte espacial, temporal, temático e valorativo (axiológico, apreciativo, avaliativo) e, também, possui recortes ideológicos específicos e apresenta posições de autoria e destinatários próprios. Bakhtin (2002) ainda ressalta sobre essa capacidade de ver e ler esse tempo no espaço como um todo e, ao mesmo tempo, ver esse espaço como algo móvel e em transformação, sendo que isso também é uma capacidade de “ler os *indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminado pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (BAKHTIN, 2002, p. 225, grifos do autor). Dessa forma, a perspectiva do cronotopo é utilizada para compreender a guerra angolana, conceitos de nações e grupos sociais, entre outros aspectos históricos e sociais.

Perante essas breves considerações teóricas sobre a guerra na literatura, espaço história, trauma e memória feminina, passemos propriamente à análise do texto literário, sendo que se corrobora com Abreu quando refere o trauma de guerra “como expressão artística, a literatura pode ser, aqui, uma ferramenta útil para dar conta da intensidade e da variedade de um sentimento humano tão complexo” (ABREU, 2016, p. 32).

## 2 TRAUMAS METONÍMICOS E MEMÓRIAS ENCOBERTAS: HIMBA

*O que é que esperam encontrar o MPLA e a UNITA – estes irmãos de costas voltadas – no fim desta caminhada destruidora?  
 Encontrarão um povo sem esperança no futuro e sem fé no próximo, um povo sem comida, sem casa, sem roupa, sem trabalho, sem escolas e sem hospitais;  
 Encontrarão as nossas crianças errantes e órfãs, traumatizadas por terem porventura pegado em armas e matado homens;  
 Encontrarão um país em desordem, no caos social e econômico;  
 Encontrarão uma país destruído, pronto a ser ainda mais explorado pelos <amigos estrangeiros> que venderam armas ao longo do percurso;  
 Encontrarão um país com o futuro hipotecado, por causa da ganância do presente;  
 Encontrarão um país que não é mais Angola – mas o sepulcro profano de agonias mártires.  
 É esta a herança de uma guerra inútil  
 (ROQUE, 1994, p. 193).*

O trauma nunca é esquecido totalmente ou apagado, mas “camuflado”, sendo que através de pequenas pistas, tais como acontecimentos e palavras repetidas, frases inconclusas e até mesmo através de nomes, o trauma ressurge com outras “roupagens” ou submerge. É como uma cicatriz, uma ferida que ainda pode ser aberta a qualquer instante. Assim, busca-se identificar, neste capítulo, alguns desses acontecimentos na narrativa memorialística da personagem Himba. Aponta-se agora algumas dessas recordações traumáticas “camufladas” na narrativa de Himba, uma menina angolana órfã da guerra irracional, como muitas outras que assolaram o continente africano, explorado e subjugado pelas forças capitalistas europeias e ocidentais.

### 2.1 O trauma metonimizado

O tema principal do texto “Lembranças encobridoras”, de Freud (2006), são as recordações fragmentadas de nossa infância, as quais, de acordo ainda com o próprio autor, são cada vez mais difíceis de serem lembradas conforme vamos recuando para o número de nossos primeiros anos. E, mesmo assim, de todos esses, somente acontecimentos muito fortes que nos marcaram de alguma maneira conseguem permanecer em nossas recordações. Essas recordações podem ativar dor física ou psicológica, vergonha ou humilhação, um medo muito aterrorizador ou angustiante, morte de um parente ou ente muito querido, alguma doença, dentre outras questões.

Além disso, essas lembranças infantis permanecem “incompletas” em nossa mente ou, conforme Freud, são omitidos os fatos essenciais desses acontecimentos, ficando em seu lugar, apenas o banal. Para explicar como acontece esse processo, o psicanalista primeiramente questiona: “por que se suprime precisamente o que é mais importante, retendo o irrelevante?” (FREUD, 2006, p. 290). Embora pareça incongruente, há uma certa lógica de tudo isso acontecer, pois nosso inconsciente busca sempre “camuflar” uma recordação ruim sob uma outra aparentemente sem importância. Pode-se exemplificar ao apontar quando na infância alguém recebe a notícia da morte de alguém muito querido. No momento da notícia fatídica, se uma criança estava sentada em uma mesa em que havia uma bacia com gelo, pode-se permanecer em sua lembrança mais a imagem do gelo para tentar “camuflar” a triste notícia, ou, por outro lado, essa imagem pode ser associada ao acontecimento nefasto. Essa é a razão de alguns fatos importantes serem esquecidos e outros (aparentemente) sem importância permanecerem “flutuando” em nossas memórias, pois:

Ela [a recordação] nos parece incompreensível porque nos inclinamos a buscar a razão de sua retenção em seu próprio conteúdo, ao passo que essa relação se deve, de fato, à relação que existe entre seu conteúdo e um conteúdo diferente, que foi suprimido. (FREUD, 2006, p. 291)

Nas palavras de Freud, “os elementos essenciais de uma experiência são representados na memória pelos elementos não essenciais da mesma experiência” (FREUD, 2006, p. 291). Portanto, há uma associação ou ligação com o acontecimento ou lembrança banal com a lembrança central, encobrida ou traumática. E, segundo Freud, há duas forças que entram em conflito em nossas lembranças: uma que tentaria “resistir” ou impedir que ela se manifestasse, e a outra força que buscasse que essa recordação viesse sempre à tona. (FREUD, 2006, p. 290). A solução ou a conciliação dessas duas forças seria que “em vez da imagem mnêmica que seria justificada pelo evento original, produz-se uma outra, que foi até certo ponto associativamente deslocada da primeira” (FREUD, 2006, p. 290). Antecipando um pouco nossa análise, aponta-se como essa relação acontece em um trecho da obra *Se o passado não tivesse asas*:

Acontecia muitas vezes com Himba: um voo de pássaro, uma rabanada de vento, uma frase apanhada da rua, qualquer coisa, por mais insignificante, evocava os pais, a vida anterior, os irmãos mais novos, a casa perdida na

voragem da guerra. Esses pequenos episódios tão importantes hoje quase não tinham significado na altura em que ocorreram. Os eruditos chamariam marcas de sua identidade. Claro, a menina não perceberia sequer a frase. Pouco interessa a designação, os episódios do passado viviam com ela, viviam nela.

**Marcas de uma infância normal, no meio da guerra.** (PEPETELA, p. 84, grifo nosso)<sup>4</sup>

Ou na noite em que dormiu na casa de Dona Isabel, logo em seguida ao estupro que se tornou seu maior trauma. Aparentemente, todos os seus traumas convergiam para esse acontecimento:

Custou a adormecer, muitas vezes falando em sua cabeça. Vozes desencontradas, algumas augurando mais desgraças, outras compassivas, soando ao longe. Vozes de mortos e de vivos, vozes de quem não sabia se estavam mortos ou vivos, mas também vozes diretamente do futuro, destapando segredos que se revelariam falsos mais tarde, enquanto alguns acertariam em cheio nas previsões, mas as vozes se encavalitavam umas nas outras e era apenas um zoar **de onde se escapava por vezes uma palavra, uma frase incompleta, na maior parte dos casos nem podia perceber o significado, só o adivinhava.** Porque esse tipo de vozes não chega nos ouvidos, só no coração. (p. 236, grifo nosso)

Retomando ao pensamento de Freud, no lugar de algumas lembranças com imagens muito fortes (traumáticas, a nosso ver), apareceriam outras que possuem uma associação com esse evento, mas muito mais atenuantes, podendo ser até acontecimentos posteriores ou próximos, substituídos ou reprimidos. Em outras palavras: os elementos importantes da experiência são esquecidos e sua força psíquica é deslocada para uma outra lembrança encobridora, geralmente trivial. Ainda para Freud:

(...) uma recordação como essa, cujo valor reside no fato de representar na memória impressões e pensamentos de uma data posterior cujo conteúdo está ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes, pode perfeitamente ser chamada de “*lembrança encobridora*”. (FREUD, 2006, p. 298)

Com esse norte teórico inicial, passa-se agora para a releitura de alguns traumas de guerra que detectamos na narrativa sobre a infância e inocência perdida no percurso da personagem Himba.

Angola viveu o período da Guerra Civil, que durou de 1975 a 2002, com o confronto entre os guerrilheiros do MPLA, o FLNA e a UNITA. Entretanto, as maiores perdas sofridas não foram de nenhum desses grupos, mas principalmente da população

---

<sup>4</sup> A partir desse trecho em diante, citaremos somente a página, quando nos referirmos a obra *Se o passado não tivesse asas*.

civil do interior do país, com bombardeios, saques e bloqueios que impediam a chegada de alimentos. Em 1992, a guerra agravou-se ainda mais devido a derrota da UNITA nas eleições para presidente. A ONU iniciou um programa para o desarmamento e retirada de minas terrestres, responsabilizando principalmente o UNITA. Em 1995, a guerra entre o MPLA e a UNITA foi deslocada mais para o interior de Angola e, conseqüentemente, o número de camponeses procurando refúgio na capital aumentou consideravelmente, causando uma explosão demográfica, que logo se transforma em um caos, pois não havia casas, abrigos ou empregos para todas essas pessoas refugiadas. Conseqüentemente, aumentou o número de mendigos e crianças a viver em condições precárias nas ruas, muitos já se tornando adolescentes. É diante desse contexto que é narrado o percurso de Himba.

O ano em que se inicia, no romance, a narrativa dos acontecimentos na vida de Himba se referem, provavelmente, ao de 1995, quando sua família abandona sua cidade natal, em uma desesperada tentativa de fugir da guerra que alastrava o interior de Angola, na qual, os civis, eram os mais atingidos: “Abandonavam tudo porque mais uma vez a guerra chegou na terra deles. Já tinham tido muitos azares antes, com ataques e ocupações acompanhadas de mortes, violações, raptos, saques” (p. 09).

Aquela era a primeira tentativa de “apagar” as marcas do passado e, embora buscassem fugir de todos esses malefícios, mesmo assim, as lembranças dessas mortes, raptos, saques e, principalmente, a violação ou o estupro, ainda seguiriam e marcariam a vida de Himba ou Sofia, de forma indelével.

No começo da viagem para a capital, Luanda, acontece o primeiro grande trauma na vida de Himba: a morte de toda a sua família. Um ataque dos guerrilheiros explode o “camião”<sup>5</sup> que os transportava, deixando apenas ela como única sobrevivente. Nesse ataque premeditado que gerou o acidente, Himba foi arremessada, devido ao impacto, para longe, algo que talvez tenha lhe poupado a vida, assim como uma voz desconhecida que apenas lhe gritava para correr.

Mais tarde, ela se lembraria desse trágico acontecimento, revelando-o ao seu amigo de rua e também órfão, Kassule, buscando uma justificativa para a emboscada e, para isso, culpando o pai e sua indecisão, exposto implicitamente<sup>6</sup> no trecho abaixo:

---

<sup>5</sup> Estamos aqui seguindo a grafia do autor e da variação da língua portuguesa em Angola presente na obra.

<sup>6</sup> O uso da condicionante “se” também alude ao fato de que os acontecimentos em sua vida poderiam ser outros: “Se sássemos antes...”, “Se fosse outro camião”, “Se tivéssemos ido um dia antes”.

- Não quero culpar o meu pai, é verdade, não quero mesmo. Mas também estou sempre a pensar que se saíssemos antes tínhamos chegado todos juntos a Luanda. **O meu pai decidiu, hoje não vamos, partimos só amanhã, vai haver outro camião. O camião do dia anterior passou, o nosso caiu na emboscada...** (p. 62, grifo nosso)

Mais à frente, vê-se que na segunda narrativa, que trata da personagem Sofia, a mesma atitude do pai de Himba, daquele que não titubeia ou é relutante em suas escolhas, sendo ela enérgica e decidida. No trecho supracitado, percebe-se que Himba se martirizava, buscando jogar o ônus da desgraça de sua vida em alguém, e o escolhido foi seu progenitor.

Ao avanço da narrativa, nota-se que a lembrança traumática de viajar em um candongueiro, ou um veículo parecido com o mesmo em que morreu toda sua família, é transparecido páginas adiante, quando ela é conduzida para o orfanato. Mas naquele momento era um medo ou trauma que ela precisava enfrentar para iniciar uma nova etapa de sua vida:

Se não fosse com Mariano, Himba teria medo, dos bairros e da viagem. Era a primeira vez que andava de candongueiro e não tinha passado por aqueles sítios quando passara pela capital. **Assustava-a o barulho das conversas, gritos e risadas no meio, as acelerações e ultrapassagens apertadas do carro, seguidas de travagens repentinas.** (...) mas logo estoirava grande discussão a propósito do jogo que haveria à tarde (...). **Lhe dava a impressão que essas berrarias e conversas animadas podiam distrair o motorista,** o qual participava dela com todo o interesse (...). Só faltava puxar de uma garrafa de cerveja e beber enquanto conduzi, contra todas as palavras de ordem da polícia e de responsáveis pela sociedade. (p. 247, grifos nossos)

Retornando à floresta, Himba, depois da noite na selva do planalto, ao amanhecer, caminhou por horas, com fome e sede, até ser encontrada por militares que lutavam contra os guerrilheiros. Eles lhe dão comida, banho e um lugar para dormir. Sem opção, ela aceita o oferecimento dos militares para ir à Luanda, na esperança de lá encontrar seus pais vivos ou mesmo seus parentes. Durante a viagem, acontece outro fato banal que permaneceu em suas lembranças: um bondoso sargento tinha lhe dado um pão com ovo, uma banana e uma maçã para comer durante a viagem. Durante uma parada, ofereceu para um cabo, que nada comera. E este lhe agradeceu gentilmente, recusando a comida, dizendo que sua mulher já o esperava em casa com almoço. Todavia, uma outra mulher, Dona Clara, que viajava também de carona, praticamente lhe “tomou” a fruta, aparentemente um acontecimento banal, mas de extrema

significação e que marcaria o seu subconsciente, metonimizando seus traumas com as consequências da guerra:

Dona Clara não percebeu ou fingiu. Ficou calada. Mas estendia a maçã, como a dizer, se não queres comer eu posso aceitar. Himba ficou muito admirada e deixou que a velha lhe tirasse a fruta da mão. Ela tinha oferecido ao motorista que estava a cumprir a tarefa toda, era apenas uma delicadeza. Mas o que fazer? Não estava educada para chocar contra a vontade de um mais-velho. O cabo Trindade percebeu, mexeu a cabeça e cantarolou numa voz disfarçada de mulher, olhando firmemente para a frente: **oportunismos, oportunismos, oh, oh, os oportunismos desta terra são mais fortes que a guerra.** (p. 19, grifo nosso)

Essa foi a primeira experiência de Himba com a insensibilidade de seus próprios compatriotas que sofreram junto com a guerra. Cada um se aproveitava do sofrimento do outro. Não havia solidariedade, pois, a guerra não os unia, mas, pelo contrário, os separavam.

Ao chegar à cidade, há mais uma constatação disso: cada um seguiu seu destino e ninguém se preocupou o que lhe ia acontecer. Essa indiferença, era uma representação da própria sociedade angolana no Pós-guerra. Nem mesmo a mulher que comeu sua maçã teve um gesto de reconhecimento e piedade por seu futuro:

Viu os civis saltarem lá de cima e cada um partir para o seu destino. Os soldados permaneceram no veículo que entrou pelo portão. Dona Clara nem despediu, nem agradeceu a maçã, se desenfiou nos seus passinhos de velha por uma rua. (p. 20)

Sozinha, sem saber onde moravam seus tios e perdida na grande cidade, Himba tem outra triste experiência traumática com o descaso do governo para com os vitimados pela guerra. Observa então muitas crianças de rua revirando os lixões em busca de comida, quando chega em Mutamba, do lado de fora de um restaurante. Frisamos agora que era “o lado de fora”, porque é um espaço que marcará o subconsciente de Himba. A descrição das crianças comendo restos de comida de um restaurante representa a crueldade das consequências da guerra, ou seja, o fato de os contêineres ou latões com restos de comida estarem lado a lado, próximos ou encostados de um restaurante representa, em nossa leitura, a situação dispare da sociedade angolana no pós-guerra. Enquanto uns possuem tudo e há abundância, outros nada têm:

Havia mais garotos na praia, por vezes era preciso disputar ferozmente o recanto nos blocos de cimento. **Também os restos do restaurante.** Noé, que parecia saber tudo, explicou, a guerra estava muito quente no Huambo e no Bié, por isso mais crianças tinham aportado à cidade, milhares cada dia. Se espalhavam pelas ruas, dormiam nos vãos das portas, quando lhes deixavam, nas arcadas da marginal então não se fala, estavam cheias, alguns vinham para aqui, a ilha. Também havia famílias de Luanda que diziam não aguentar tanto filho com a vida cada vez mais difícil e lhes mandavam para a rua, vão mendigar ou roubar, desenrasquem. (p. 99, grifo nosso)

Himba procura o Ministério de Assuntos Sociais sozinha, perambulando horas na cidade até encontrá-lo, mas não recebe nenhuma ajuda ou amparo dos governantes. Por isso, certas palavras lhe causavam trauma e estranhamente, tais como “burocracia”, que foi associada a uma sensação de desconforto: “Pobreza podiam entender, nunca dela tinha saído afinal, mas burocracia era palavra desconhecida e estranha. Metia algum medo” (p. 282). Na verdade, Himba associava essa palavra ao descaso, ao entrave dos governantes em lhe ajudar quando procurou seus parentes em Luanda. A burocracia em Angola era uma das consequências da guerra. Também um outro trauma, escondido na grafologia da palavra.

Enfim, esse trecho da narrativa destaca a morosidade, a falta de políticas públicas aos menores desabrigados, a falta de espaço para as crianças órfãs de familiares mortos pela guerra, além de destacar o despreparo da polícia ao se dirigir aos problemas sociais reais; ao contrário, os funcionários do serviço público, com fartura alimentícia e outros benefícios, diferentemente das crianças que viviam nas ruas a revirar contêineres de lixos.

A guerra civil angolana, além desabrigar muitas pessoas, criou um outro trauma que ficou ressaltado em Himba (bem como no restante da população) e que lhe perturbava cotidianamente: a fome.

Todos os dias, novas estratégias eram montadas pelas crianças para conseguirem comida, driblar e enganar outros grupos de rua para conseguir compaixão e piedade de alguém que os alimentasse:

A menina estava quase em pânico. Se aparecerem muitos, como vamos dividir os poucos restos? Ou haveria suficiente? Não fazia a menor ideia e era a incerteza que lhe aumentava a sensação de fome e provocava câimbras na barriga. Himba esperava que Kassule lhe passasse coisas e ia guardando no vestido, apanhado em baixo e puxado pra cima, formando saco. Vieram ossos e restos de costeletas, vieram partes de carne assada, uns rabos de peixe, feijão de óleo de palma, arroz, massa. – Chega, Kassule. (p. 65- 66)

Em outro trecho é apresentado uma espécie de hierarquização social da sociedade angolana naquele momento de sua história:

-Há três tipos de pessoas aqui – disse o Noé. – Os que comem dentro dos restaurantes e pagam, os balados, só olham para nós com nojo. Para eles fica os pratos cheios e bem servidos, já vi mesmo, vocês também podem verificar se arriscarem espreitar pela porta até vos enxotarem. (...) Mas o que sobra dos tachos e de algumas travessas, o patrão deixa o pessoal levar para casa, se repartem, mais o pão que não dá para guardar até amanhã e algumas bebidas que ficam no meio. Portanto, os empregados são o segundo grupo, os que se safam. Depois vimos nós, os do terceiro grupo. Para nós é o que sobra dos pratos, ossos, legumes já mastigados, ou bocados de comida que não ficou bem feita ou a azedar, quer dizer, o que vai para o lixo. **Nós somos o lixeiro.** (p. 100)

Fome, frio, medo, desilusão, desespero e desconforto são sentimentos abstratos que buscam serem representados metonimicamente na memória de Himba. E os elementos físicos encontrados foram os ossos e outros restos de comidas, lixo, contêineres.

## 2.2 O trauma em narrativas paralelas

Em um trecho de *Se o passado não tivesse asas* há uma assertiva cuja grafia e significado não podem passar despercebido ao leitor. Trata-se do aforismo “Estórias que a história tece.” (p. 262). Essa contraposição de “estórias” – que seriam as narrativas de guerra dos perdedores ou vencidos, que mencionamos no capítulo anterior, condizente com o conceito de “história vista de baixo”, de Sharp, e o materialismo histórico de Marx – que vai de encontro com a história com “H”, ou seja, a história oficial, demonstram um dos objetivos do romance: preencher essa lacuna do passado de Angola com as narrativas ficcionais, ou outros pontos de vista, dos que mais sofreram com a guerra e não tiveram voz, através das fontes oficiais, de exporem suas visões e angústias. Recorde-se que Himba era analfabeta e só consegue a aquisição da escrita após passar pelo lar de apoio, ou em outras palavras, ser escolarizada para se inserir no mundo capitalista. Esses que narram as estórias seriam as crianças de rua e outros que foram atingidos de forma direta ou indiretamente pela guerra, mas cujos relatos não interessam ao Panteão<sup>7</sup> da vitória angolana.

---

<sup>7</sup> O Panteão é o monumento presente em muitas capitais de países, onde são depositados os restos mortais de pessoas ilustres, grandes heróis. E os vitimados pela guerra angolana e serão relatados aqui, nem sequer chegaram a serem sepultados, dentre eles, Tobias, namorado de Himba.

Também parafraseando Ricoeur (2008) uma (possível) estratégia para esquecer um trauma seria narrar um outro. Nesse sentido, não passa despercebido na narrativa de Himba vários relatos secundários de outras vítimas de guerra, mas intimamente relacionados com sua própria experiência de vida. Esse seria mais um estratagema: ao contar a estória de colegas de infortúnio, ela também estava contando a sua própria, ou encontrando forças para tal, isto é, relatar fatos tão dolorosos e que desejava serem esquecidos. Em outras palavras, ao referir estórias de pessoas que sofreram mais do que ela com a guerra (dentre elas seu amigo Kassule, que além de perder a família, teve a perna amputada), Himba tirava forças para prosseguir em tão doloroso relato. Por isso, a narrativa é entremeada de “estórias” paralelas de outras pessoas que também tiveram eventos traumáticos.

Certamente, há um motivo para essas estórias terem permanecido na memória de Himba, além de utilizá-las para “esquecer” momentaneamente seus traumas. Implicitamente também está apresentado de uma forma muito mais literária e humana, o que a guerra os tornara, insensíveis, sem compaixão com o próximo. Assim, é exemplificado em um pequeno relato, que Himba observa, de duas crianças disputando comida:

(...) os miúdos se aproximam dos locais de repouso. Alguns andavam pelos contentores, dois até lutaram por causa de qualquer pacote lá encontrado, talvez com restos de bolacha, parecia. Um mais velho foi separa-los, o mais pequeno refilou porque ficara sem o pacote, o mais velho lhe deu um empurrão, desaparece. E dividiu o pacote com o que o apanhara. O mais pequeno se afastou, limpando as lágrimas dos olhos. (p. 39)

Como já dito, muitos acontecimentos na vida da protagonista permaneceriam em suas lembranças por isso, esses relatos permanecem sua memória. No pós-guerra, a língua que se falava era a do mais forte, despertando o individualismo como instinto de sobrevivência. Não havia lugar para solidariedade ou partilha. Da mesma forma, Himba agiria friamente quando for nomeada por Sofia.

A primeira dessas narrativas paralelas significativas é a de Kassule, que se tornará seu futuro irmão adotivo Diego. A criança órfã tem a perna amputada por muitas das minas que se espalhavam pelo país, instaladas pelos guerrilheiros. Então, o leitor pode se perguntar: que perigo representaria uma criança em meio à guerra para ser atingida dessa forma? Aquela era mais uma consequência da violência irracional que atacava inocentes: “Nem precisaria de perguntar, a criança tinha pisado uma mina, havia gente assim por todo o país” (p. 39). Era apenas uma entre várias, mas o narrador

consegue individualizar a dor, representando-a em apenas uma criança. A descrição da condição infantil é relatada de maneira enfática e emotiva:

(...) só com uma perna, saltitando apoiado num pau. O toco da outra perna desaparecia nos calções. (...) O pau não era uma muleta, antes uma parte de vassoura, numa das pontas da qual estava incrustado um bocado de madeira enrolado em panos para suavizar o uso. Nesse bocado de madeira ele assentava o sovaco. Dava para andar mas devia cansar muito, pensou Himba. E apesar dos panos, devia magoar. (p. 39)

Logo após tal descrição, a criança conta sua estória. Vê-se subentendido no trecho abaixo, no desejo de se tornar um adulto, por parte de Kassule, uma das possíveis razões para o título do livro *Se o passado não tivesse asas*:

Eu pisei uma mina lá na terra, perdi a perna. Me mandaram para Luanda, cortaram mais um bocado da perna porque estava mal, disseram, ficou só um restito. Um dia vão me por uma perna de metal e madeira, mas ainda falta. Dizem, há uma lista grande, é preciso esperar a vez. E crescer. Se me põem agora, vou crescer e depois ela já não serve, fica pequena demais, têm de me pôr outra. Assim estou à espera de crescer depressa para ter uma pótese, não, prótese, me ensinaram mesmo. (p. 40)

Há uma tentativa, em ambos os personagens, Himba e Kassule, de se consolarem, como exemplificado na citação abaixo, mas as dores ou os traumas não podem ser medidos:

- Estás viva, sem ferimentos... Uma sortuda.  
 - E a minha família?  
 Kassule não respondeu. Haveria mesmo resposta? O que era mais importante? Entre os dois, ele estava pior, perdera uma perna e também a família. Mas não disse nada, porque apesar de ser muito novo, sabia, **nada servia de consolação à desgraça de outra pessoa**. (p. 62, grifo nosso)

Viver em estado de mazela social, na prática, é doloroso e traumatizante, por isso, muitas vezes, cada indivíduo internaliza suas cicatrizes de diferentes formas. Assim, demonstra-se na reação de Kassule, no seguinte trecho:

- Não sou aleijado, não nasci assim. Caí na mina.  
 Todos riram. Menos Himba, claro.  
 - Não é a mesma coisa? – perguntou o que parecia mais velho.  
 - Não, não é a mesma coisa – disse Kassule. (p. 88)

Essas narrativas paralelas trazem à reflexão o quanto a sociedade angolana omitiu-se sobre a situação das crianças desamparadas, que perderam suas famílias na

guerra e vitimou milhares de pessoas, produzindo 2 milhões de mortos em 38 anos, conforme refere Rezende:

38 anos de guerra não produziram apenas uma tragédia em Angola. Produziram milhões de tragédias: 2 milhões de mortos, 1,7 milhão de refugiados, milhares de órfãos, 200 pessoas mortas de fome por dia, 80 mil crianças, velhos, homens e mulheres mutilados pelas milhões de minas semeadas pelo país afora. Em Angola, são milhões de tragédias, cada qual com um nome e uma história de final infeliz. (REZENDE, 1999, p. 01)

A próxima estória paralela é a de Madia, órfã que não foi abandonada, visto que ela própria optou por se separar de sua família, porque tinha uma mãe alcóolatra e mentirosa e um padrasto que (possivelmente) a abusava sexualmente:

Contou a sua infância na província de Malanje, no Kela, sítio muito bom, até para ficar um dia isolado, guerra por todos os lados, o pai no exército, a mãe dada a esquecer sofrimento na bebida. Um dia a mãe disse vamos para Luanda onde a vida é melhor, tenho lá um irmão. Mas afinal o irmão tinha sido transferido para o Lugango, longe, longe, não tinham família na grande cidade, ficaram a pé. Transferido como, se perguntava a mãe, inconsolável. Aquele imbumbável arranjou trabalho de lhe transferirem? Nem sequer souberam qual era esse trabalho que o mandara para o Lugango mais a mulher, a tia velha da mulher e quatro filhos. Madia acrescentou, não acredito muito nessa estória de irmão, com certeza nem existia, pelo menos nunca tinha ouvido antes e a mãe depois desviava a conversa quando eu perguntava. Riu alto, mais uma vez. Deve ter sido algum tipo que apareceu lá no Kela, trepou na minha mãe como tantos outros, contou cenas sobre a família dele e ela acreditou no meio dos copos ser um irmão dela. Com aquela senhora nunca se sabe. Mentirosa, maluca ou bêbada, escolham lá o que quiserem, mas sem ofender, porque é minha mãe. (p. 81)

Os abusos sexuais, o aumento de consumo de bebida e as agressões verbais e físicas são comuns nos contextos de guerra, no qual as crianças e as mulheres são as que mais sofrem. Por isso, Himba fica pasma ao ouvir uma filha falar desses termos da própria mãe e questiona para si de quem seria a culpa da separação e da destruição daquela família: da filha Madia, da mãe ou do próprio pai que não a procura mais? O narrador não responde tais questões, mas está implícito um único culpado: a guerra. Quanto ao desaparecimento do pai, o que se conjecturava era que podia “ter morrido na guerra, ou ter desertado, ou até pode ter sido desmobilizado com uma reforma e outro nome, havia casos. Quem sabe, aproveitou a situação de caos permanente que a guerra sempre provoca para fugir da mãe dela” (p. 82). Se algo nessa narrativa provavelmente chama a atenção de Himba, e possui uma relação com o eixo principal da obra, é que Madia “só tem lembrança do pai de há mais de dez anos, quer dizer, nem o reconhece se

o vir”. (p. 82). Por conseguinte, o passado não importava e para Madia fora apagado mais facilmente do que seria para Himba.

A narrativa paralela seguinte é a de Luemba, uma menina de rua, assim como a protagonista, que foi enganada e explorada por seus compatriotas. Em todas essas estórias está implícito o aprendizado de Himba em não confiar em ninguém no seu futuro:

Quando achou que já tinha conversado bastante, Himba achou ser o momento de ir sabendo coisas sobre o passado de Luemba. Fez a pergunta sacramental, como vieste parar a Luanda, sobretudo como vieste para à ilha de Luanda? E Luemba contou uma estória parecida com muitas que Himba ouvia ou iria mais tarde ouvir, que os pais a mandaram para Benguela, cidade mais segura, no litoral onde não havia guerra, viver na casa de uma tia, irmã mais velha do pai, com família numerosa mas que a aceitou de bom coração, era mais uma boca, mais preocupações, porém o sague conta acima das dificuldades da vida, pôs a menina na escola, ela estudou dois anos, até que apareceu lá uma prima do marido da tia dela que disse, posso te levar para Luanda, lá é muito melhor e sempre alivia a carga familiar. O marido aceitou logo mas a tia não queria, o meu irmão mandou para eu tratar dela, fica mesmo aqui que está a estudar bem, vida calma, e a menina concordava com a tia, em Benguela se sentia à vontade e também era mais perto dos pais, um dia podia voltar lá para lhes visitar, matar as saudades pesadas, bastava a guerra acalmar um pouco. (p. 108)

A prima do marido continua insistindo em levar Luemba para cuidar com argumentos falsos “vou tratar dela com todos os cuidados e ela pode me ajudar em muitas coisas, não tenho filhos infelizmente, fica como filha para mim, sou eu que peço e é um favor que me faz” (p. 108). Na realidade, como se saberá depois, Dona Fifi só queria uma empregada, um outro caso muito comum de pessoas que se aproveitavam da desgraça dos outros, no contexto da guerra, para benefício próprio. Mesmo chorando por não querer ir, Luemba foi entregue para a prima do marido da tia pois “família do marido também era família dela, devia de confiar”. Percebe-se nesse trecho um tom de ironia na narrativa, pois Angola se assemelhava a uma família em quem não se deveria confiar uns nos outros em tempos de guerra. Logo em seguida, para a menina Luemba “começaram os gritos e os maus tratos, afinal tinha de limpar e varrer a casa toda, passar pano molhado no chão, lavar roupa para a mulher engomar tudo uma vez por semana, a comida a ser dada cada vez com mais dificuldade” (p. 108). Aos poucos revela-se que dona Fifi tinha vários amantes e devia dinheiro para agiotas por conta de um negócio em que fora trapaceada ou ludibriada:

(...) até que um dia pareceram homens de voz grossa em casa, a menina estava a descascar batatas na cozinha, não viu mas ouviu tudo, eles a

ameaçarem, se não pagas o que nos debes vamos dar uma carga de porrada que nem vais levantar mais, Fifi, te partimos mesmo pernas, sua ordinária, ladra, filha da puta e muitos mais nomes que Luemba nem quer repetir, a mulher só chorava e gritava até eles irem embora, prometeu pagar tudo no próximo mês, me deixem até o próximo mês que eu arranjo um dinheiro, um cliente me estás a dever muito de um negócio, até que eles foram embora sempre nas ameaças e ela se lamentava a berra sozinha que era muito dinheiro, onde vou arranjar isso tudo, já não tenho amigos que me avancem tal soma, era um dinheiro que pedira emprestado a antigos clientes para comprar um carro mas o carro foi roubado logo que comprado e ela nem tinha dinheiro para lhes pagar nem o kilapi nem carro. (p. 108)

O tal negócio seria a prestação do serviço de táxi, no qual ela já tinha um “moço conhecido de boa família” e “responsável” que conseguiria esse dinheiro garantido todos os dias, cerca de quinhentos dólares, sendo que o restante ficaria para o motorista e ela responsável pelos reparos do automóvel. Entretanto, não houve tempo de fazer seguro no carro no primeiro mês o mesmo foi roubado.

Como consequência, desesperada por ter que entregar a casa para os agiotas ou fugir, já que eram uma quadrilha “perigosa e com muitos tentáculos na cidade, também talvez mantendo alianças com algumas autoridades competentes”, Dona Fifi descarrega toda sua fúria na inocente menina Luemba. E, mais uma vez, constata-se nessas narrativas menores uma reprodução da narrativa principal, na qual os inocentes injustamente sofriam as consequências da guerra:

(...) acedendo a todos os dados, percorreu a casa numa cólera misturada ao terror, olhando para todos os lados como uma fera encurralada, até encontrar Luemba na cozinha, tremendo pelo futuro. Descarregou todas as fúrias na menina, o que lhe ameaçaram ela fez na pequena, porrada por tudo e por nada, um dia lhe arrastou pelos cabelos que a vizinha tinha entrançado muito bem, pois gostas das tuas tranças, não é, estás vaidosa com as tranças que aquela puta invejosa te fez, sua matumba e mangonheira, te vou mostrar como se ensina quem não sabe trabalhar, e lhe enterrou a cabeça num canteiro do quintal, desfazendo as tranças e esfregando terra de estrume que ia servir para plantas novas do jardim, tudo com muitas chapadas e pontapés, até que Luemba fugiu, fugiu, se perdeu por Luanda que mal conhecia, mas também não queria voltar naquela casa amaldiçoada, antes de ficar perdida, andou, dormiu na rua, andou mais, chegou à ilha e pronto...  
Uma estória como muitas. (p. 108-109)

Ao ouvir esse relato de Dona Isabel, a menina Luemba acrescenta que isso era uma prática comum naquele período em Angola, reforçando mais ainda a ação de aproveitadores surgidos durante a guerra:

Essas vadias da cidade fazem sempre isso. Se dão ares de grandes senhoras, viajadas, casadas com homens poderosos, mas são o lixo do mundo. Não querem pagar a empregadas para lhes tratarem das casas, então aproveitam a

desgraça dos outros. Umas sanguessugas. Ainda dizem que a escravatura já acabou. Mentira! Pode ter acabado no mundo, mas aqui estamos no mundo?  
(p. 111)

Ao ouvir todas essas narrativas, Himba, como já dito, certamente percebe que não era a única vítima da guerra, bem como estava implícito uma espécie “lei de sobrevivência”, o fato de as pessoas não terem misericórdia para com seus compatriotas. Em todas essas pequenas histórias, Himba encontra pessoas que sofreram mais do que ela, pois “reviver os acontecimentos traumáticos de uma guerra, através de catarse, é um processo que pode se revelar como terapêutico para uma mulher que vivenciou a guerra” (ABREU, 2016, p. 66).

Ao perguntar como morreu o marido de tia Isabel, a boa mulher que lhe ajudara, Himba conhece outra história de guerra:

- Afinal o seu marido como morreu? Se trabalhava na alfândega...  
A senhora suspirou. Se via, a ferida ainda estava mal cicatrizada. Estaria algum dia?  
- Foi no sábado de manhã. Ele trabalhava na alfândega dos correios centrais. Como sabem, o correio fica entre o comando da polícia e o hotel que está todo esburacado de balas agora, ao pé da igreja da Conceição. Quase nenhum colega foi trabalhar, se sabia a guerra rebentava nesse dia ou no seguinte. Mas ele nunca faltava no serviço, ia e vinha a pé, ainda um bocado longe. Ao sábado fechavam ao meio-dia, mas aquele era um sábado fatídico. Quando saiu do trabalho com um companheiro, disse, vou apreciar bem esse hotel que virou quartel da oposição armada, assim, ele chamava, nunca os nomes dos partidos, dizia, dava azar. Nomeava o partido do governo e o partido da oposição armada. Para ele chegava, os outros partidos não contavam. E toda a gente percebia, claro. (...) Avançou um pouco e estava perto da igreja quando percebeu muitas movimentações de tropas, uns a sair do hotel e a tomar posições, outros a sair do comando, fardados de polícias, que eram os únicos do governo que tinham armas na altura. De repente estava cercado. (...) Quando começaram os tiros, queria se refugiar dentro mas a porta da igreja estava fechada. Foi então morto. Por quem? Vá-se lá saber... também não interessa, foi morto pela guerra, chega! (p. 128)

A frase final do trecho acima demonstra o quanto era fútil os motivos usados pelos partidos políticos, sem nenhuma causa nobre, apenas fraticida e desejosos do poder em Angola. Não interessava por qual partido fora morto. A guerra era irracional. E assim como aconteceu com Kassule esperando sua irmã desaparecida, Dona Isabel também ficou esperando por um tempo a volta de seu marido, que nunca retornou:

Dona Isabel ficava a trançar o cabelo das filhas e das meninas da vizinhança. Era ali fora, intuiu Himba então, que ela esperava o marido na volta do trabalho. Todos os dias. E continuava, apesar de ter acontecido aquele sábado.  
Ainda à espera do milagre? (p. 128)

Em outra narrativa paralelas, contada por Noé, revela-se o desespero e a falta de humanidade entre os compatriotas. Um soldado – que se julgaria um defensor de uma causa nobre – vendeu sangue humano, lançados por aviões humanitários, que deveria ter sido usado para salvar pessoas feridas, como sendo comida:

Os aviões arriscavam o fogo das antiaéreas inimigas e lançavam para as nossas linhas munições, armas, comida, água potável, medicamentos, tudo, tudo tinha de ser lançado. De vez em quando um avião era abatido, muitas vezes o lançamento era malfeito por ser de noite e os bens caíam nas mãos de outros. Havia muitos feridos e o sangue acabou. Os que resistiam estavam tão fracos que não podiam dar sangue aos que tinham hemorragias. O sangue também era lançado em sacos especiais. Um dia, um soldado apanhou sacos de sangue. Em vez de entregar nos hospitais de campanha, o egoísta, pior, não há termo para esse gajo, (...) vendeu o sangue a uma senhora que tinha dinheiro, como os outros, mas não tinha onde comprar comida. Vinte milhões de kwanzas pelos sacos. A senhora abriu logo um para cozinhar, julgava era carne-seca. Mas achou estranho aquele tom castanho. E, como tinha um primo enfermeiro, perguntou o que era aquilo. Assim soube que tinha comprado sangue humano. É mesmo verdade.

A indignação estava espelhada na cara de todos os ouvintes. Ninguém ousava falar.

(...)

- Esse devia ser apanhado e fuzilado.

- Nada. Ninguém descobriu o culpado. Só a senhora conhecia a cara dele. Ela não saía das ruínas da casa, com medo dos tiros e obuses. Ele deve ter sido alertado pelo falatório dos enfermeiros e médicos, evitou aparecer perto da senhora. Se tinha ainda alguns sacos escondidos, fê-los desaparecer. E pronto. Ficou com um monte de dinheiro... Também é verdade, aquele monte de dinheiro valia muito pouco. (p. 277)

Portanto, não apenas Himba ou Kassule, mas várias outras personagens tiveram suas vidas atingidas com a guerra angolana, alterando a sua forma de ver o mundo: as relações interpessoais e seu posicionamento na busca pela sua sobrevivência. Retendo aprendizados em todas essas estórias ou em como se tornar-se, futuramente, uma mulher implacável, Himba percebe que não poderia ter compaixão, pois também seria “tragada” ou pereceria, pois naquela guerra “só os mais fortes resistem” ou “cada uma tinha que lutar com as armas que tinha”.

Falar de narrativas de trauma de guerra consiste, inicialmente, em abordar a experiência de guerra tal qual é vivenciada ou vista por um sujeito. Desse conjunto de experiências, uma guerra trata, sobretudo, de como um mesmo incidente traumático é experimentado de maneiras diferentes. Assim como seria inexacto presumir que as experiências de homens, mulheres e crianças numa guerra são vivenciadas ou vistas da mesma maneira, seria igualmente equivocado afirmar que suas experiências são descritas de forma semelhante. (ABREU, 2016, p. 30)

Por isso, na noite anterior de sua ida ao orfanato, Himba relembra todas essas “vozes” narrativas em sua memória. Naquele momento, essas lembranças ainda estavam fragmentadas, dissonantes, incompletas, mas quando ela for renomeada como Sofia, tais narrativas serão aproveitadas por essa personagem. Naquelas vozes que lhe contaram suas próprias histórias, o seu próprio trauma se escondia momentaneamente, mas logo iria ressurgir:

Custou a adormecer, muitas vozes falando em sua cabeça. Vozes desencontradas, algumas augurando mais desgraças, outras compassivas, soando ao longe. Vozes de mortos e de vivos, vozes de quem não sabia se estavam mortos ou vivos, mas também vozes diretamente do futuro, destapando segredos que se revelariam falsos mais tarde, enquanto alguns acertariam em cheio nas previsões, mas as vozes se encavalitavam umas nas outras e era apenas um zoar **de onde se escapava por vezes uma palavra, uma frase incompleta, na maior parte dos casos nem podia perceber o significado, só o adivinhava.** Porque esse tipo de vozes não chega nos ouvidos, só no coração. (p. 236, grifo nosso)

De todos os que conhecera, muitos tinham morrido devido à guerra. Poucos sobreviveram. Mas ela também não podia olhar para trás, ou melhor dizendo, para os corpos que iam tombando em meio à guerra. Tinha que prosseguir no intuito de esquecer as marcas deixadas pelo trauma.

### 2.3 O estupro e sua representatividade no mundo masculino e capitalista

Ao tratar sobre a dominação masculina transposta para outras esferas sociais, Pierre Bourdieu ressalta que essa mesma dominação:

(...) se enraíza em uma topologia sexual do corpo socializado, de seus movimentos e deslocamentos, imediatamente revestidos de significação social – o movimento para o alto sendo, por exemplo, associado ao masculino, como a ereção ou a posição superior no ato sexual. (BOURDIEU, 2012, p. 16)

Essas considerações de Bourdieu serão importantes para o debate sobre a violência sexual sofrida por uma das personagens: o estupro de Himba, o maior de seus traumas, que a faz futuramente ser renomeada por Sofia, e nunca mais querer ter um relacionamento. Ao se deslocar para Ilha junto com seu irmão adotivo Kassule, em busca de um lugar melhor para ficar, a personagem protagonista sofre estupro por vários garotos de uma gangue:

- Segurem só as pernas dela – mandou o mais forte, o que a abraçava. Dois seguraram com força as pernas que se debatiam, mas foram afastadas. O terceiro ficou a observar divertido os esforços de Kassule, se arrastando pelo chão, para chegar à muleta. O maior se deitou por cima da menina e violou-a. Os gritos dela se confundiram com os de Kassule. Depois se revezaram os quatro, seguindo uma hierarquia de grupo, e ela já não gritava, só chorava. Também Kassule, deitado no chão em posição fetal, virado para não ver. Os quatro deixaram os dois com seus soluços e foram embora, a contar vitórias e heroísmos. (p. 89)

Essa cena retrata como as mulheres são vítimas desse cenário de guerra, não só no contexto em Angola, mas também em outros espaços e tempos, que:

A gama de violências exercidas sobre as mulheres é ao mesmo tempo variada e repetitiva. O que muda é o olhar lançado sobre elas, o limiar de tolerância da sociedade e o das mulheres, a história de sua queixa. Quando e como são vistas, ou se vêem, como vítimas? (PERROT, 2007, p. 76)

Pepetela revela uma perspectiva do sentimento da mulher ao ser violada, não só nos campos de guerra reais, mas também os simbólicos, pois aquela também era uma guerra pela sobrevivência nas ruas de Luanda.

Sobre o estupro ao longo da história, Michele Perrot diz que “O estupro coletivo é, no entanto, identificado pelos medievalistas (Jacques Rossiaud, Georges Duby) como uma prática bastante usual dos bandos de jovens, um ritual de virilidade” (PERROT, 2007, p. 76).

Vemos, nas páginas seguintes, que Himba não relata para ninguém a violência que sofreu. Esse é mais um silêncio: o da vergonha. O silêncio que tantas vezes, ao longo da história, esteve ao lado das mulheres. Em se tratando de memória feminina, Perrot refere esse problema de silenciamento das mulheres:

E esta é uma segunda razão de silêncio: *o silêncio das fontes*. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. (PERROT, 2007, p. 17)

O trauma da memória do estupro, durante a guerra, é único para as mulheres e pouco relatado. É um assunto pouco abordado pela história e não pode ser comparado com nenhum outro trauma. Somente as mulheres, que o viveram, podem narrá-lo:

(...) a formulação freudiana pressupõe (...) que as pessoas vivenciem os acontecimentos de formas diferentes, o que torna possível pensar que as mulheres experimentam o trauma de uma maneira diferente da dos homens e crianças, por exemplo. Sendo assim, o modo como elas dão voz ao trauma vivido e o narram também pode ser visto como único (ABREU, 2016, p. 31).

Em uma outra obra nds literaturas africanas em língua portuguesa, *Ninguém matou Suhura*, da moçambicana Lilia Momplé, o estupro é visto como uma representação da dominação colonial portuguesa, ao ser retratado a morte de Suhura por um oficial português através da violência sexual. A inferiorização já aparece no início do conto: “Juntos humilhavam os negros e incutiam-lhes o desprezo por si próprios. Juntos exploravam os camponeses pobres e bajulavam os donos das plantações” (MOMPLÉ, 2007, p. 60). Na cena do estupro, a força masculina representa a força colonial, a do mais forte, mas o colonizado não deixa de resistir em uma luta silenciosa: “Trava-se então uma luta surda e feroz que o desejo cego do senhor administrador e o desespero da rapariga prolongam até à exaustão. Vence o mais forte. (...) Suhura é arrastada para a cama. Ela, porém, não deixa de resistir.” (MOMPLÉ, 2007, p. 85). O simples ato de “resistir” a sua vontade provoca ira no administrador português, que não se preocupa com as consequências do seu ato, isto é, a morte ou a vida de Suhura:

Então a raiva que o sufoca atinge o auge. Já não sabe se quer possuir ou matar esta negrinha que ousa resistir à sua vontade e que, embora subjugada pelo seu corpo possante, estrebucha e morde como um animal encurralado. Por fim, usa de toda a sua força, indiferente às consequências. Um grito rouco e breve é a resposta de Suhura. Depois o silêncio e a imobilidade total. (MOMPLÉ, 2007, p. 86)

Até o corpo, mesmo sem vida, de Suhura apresenta demonstração de recusa em se submeter ao colonizador, pela posição descrita:

O senhor administrador só se apercebe do significado de tal silêncio e imobilidade quando, já de pé e meio vestido, repara que a rapariga não se levanta da cama. Observa-a melhor e não é preciso tocar-lhe para ter a certeza de que está morta. O corpo inerte conserva uma obstinada atitude de recusa e uma flor de sangue contorna-lhe as magras coxas. (MOMPLÉ, 2007, p. 86)

Críticos consideram esse conto uma metáfora sobre a resistência da dominação colonial ou das potências capitalistas (mais próximo da representação do estupro de Himba), remetendo também a uma perda de seu passado:

Pode-se pensar no conto “Ninguém matou Suhura” como uma situação de desenraizamento (...) uma vez que a narrativa se passa em um país conquistado, no qual a população estava submetida ao domínio de outra nação. (...) A luta surda e feroz entre Suhura e o Senhor Administrador pode ser lida, nesse contexto, como uma resistência da jovem à dominação de seu corpo, no plano individual e, como uma resistência à colonização, uma vez que Suhura representa uma coletividade. Desse modo, a luta travada demonstra uma tentativa de evitar perder seu passado, tanto coletivo quanto individual. (ALÓS et Al. 2026, p. 34)

Voltando ao romance em análise, observa-se no trecho a seguir, o trauma associado à floresta ressurgindo como reminiscências do primeiro estupro:

Muito tempo depois, Kassule se levantou e foi ter com ela. Havia sangue no chão e ele notou, mas não falou disso, vamos, vamos para a nossa praia. Ela ainda demorou a parar de chorar mas acabou por ganhar forças e, **apoiada pelo amigo, caminhou para fora da floresta e dos seus monstros gargalhando entre os ramos e as folhagens**. Tudo lhe doía mas o pior não era a dor física. Se sentia roubada, violentada no mais íntimo, como se deixasse de haver qualquer tipo de segurança no mundo. Ao mesmo tempo, uma tremenda vergonha. De não ter podido lutar? Fez o que as forças permitiam, tinha sido pouco. Vergonha, medo, e lá no fundo, uma tremenda revolta, inconfessável. Desânimo também. (p. 89, grifo nosso)

Na segunda vez em que foi estuprada, após a morte de seu namorado Tobias, chefe do bando que a protegia e que foi assassinado por outro grupo rival, observa-se o descaso da polícia, representando as autoridades do país. Tal fato ocorreu também com seu amigo Kassule, ao empregar os maiores esforços para se locomover com rapidez, a despeito de sua perna amputada, chegando arquejando e quase sem respiração onde estava a polícia. Mas o poder policial pouco se importa com o acontecido e quase não vai em auxílio de Himba que estava sendo violentada e, provavelmente, seria morta em seguida assim como seu namorado:

Com ar de enfado, o chefe disse para um dos companheiros, Tiago, vai lá com o Trindade, tendo os dois policiais puxado primeiro o cinto das calças para cima da barriga volumosa, antes de enfrentarem a areia. (...) Não tinham pressa, devia ser uma manobra de diversão, pensavam os caíngas, do alto de sua autoridade, esse miúdo julga que aldraba o chefe, mas vão ser todos cangados para aprenderem a andar por aqui a sujar a ilha boa para os turistas. (p. 231)

Nas entrelinhas, observa-se, mais uma vez, o descaso da sociedade angolana com os excluídos: Himba não poderia ser atendida por um posto médico após o seu estupro, pois ele era apenas para clientes privilegiados:

Como iria saber nessa mesma noite Kassule, dois ou três ainda tiveram tempo de a violar, mas aproveitaram também para lhe avançar com umas chapadas. Himba chorava suavemente e sangrava do nariz.

(...)

Deve ir no posto médico – disse o Tiago, querendo fazer-se passar por responsável da operação.

- Está fechado – replicou o Trindade. – Só está aberta a clínica do fundo da ilha. Mas não é para esses casos.

- Sim. Só clientes fixos. E os bem **balados**. (p. 231, grifo nosso)

Ou seja, o estupro é banalizado, é como se não fosse um fato que necessitasse da presença policial. Por conseguinte, com a morte de Tobias não haveria ninguém mais para a proteger. Por isso, Himba tinha que sair daquela praia, para não ser alvo de outras violações. O sexo, até aquele momento da vida de Himba, era apenas para evitar um mal maior, o estupro. O que se constata é que o horror à violência física, sexual e psicológica, a impelia de fugir, a escapar para um novo destino, o orfanato:

(...) na praia não podiam ficar. Ela seria alvo do bando do Jonas e de outros gangues, as violações se sucederiam. Mesmo se naquele momento havia muitos miúdos que estavam furiosos com Jonas e sobretudo com a violação de uma menina tão nova, no dia seguinte começariam a pensar, porquê só eles e não eu? E agora já estava carimbada, tanto faz uma vez ou vinte, como diria Madia. Também não haveria Tobias, **nem para a proteger, nem para a subjugar**. Tinha que aproveitar a liberdade. (p. 233)

Observa-se que o poder masculino, representado pelo chefe de gangue Tobias, também a prendia, ou seja, ele a protegia, mas cobrava um preço. Himba deseja libertar-se desse jugo, da dominação masculina, conforme a perspectiva de Bordieu.

Depois de todos os traumas, Himba não deseja mais nenhum homem como marido ou mesmo amante. Ela sente uma aversão. Principalmente depois que Tobias é assassinado. Seu êxtase ou busca pelo prazer orgástico é o dinheiro, o poder e o reconhecimento social, buscando apagar totalmente todo seu passado de miséria.

### 3 A BUSCA POR APAGAR AS MEMÓRIAS DO PASSADO: SOFIA

(...) é este o nosso futuro, a ditadura da ganância? (PEPETELA, 2017, p. 331).

Há mulheres que se adaptam ao sistema. Há outras que se opõem a esse sistema, ou seja, não se entregam, enfrentam e não se alinham ao que se deseja delas. A personagem Sofia tenta mudar sua personalidade, buscando apagar todas as marcas traumáticas de seu interior, de seu passado, mas apresenta postura ambígua, podendo ser classificada em ambas as linhas. Por isso concordamos com Souza, em seu artigo sobre a análise desta personagem: “Sofia não é uma heroína de guerra e nem mesmo é uma heroína utópica que vence pela superação. Ela é um produto da história do país, que se adaptou a essa história” (SOUZA, 2018, p. 617). Apresenta-se agora um breve resumo da trajetória da personagem, antes de aprofundar algumas questões sobre a memória e o trauma.

Dez anos após o fim da guerra civil em Angola, ou seja, em 2012, no período pós-independência, tem início a história de Sofia, uma mulher de cerca de 30 anos que estava procurando um novo emprego quando resolve ir almoçar em um pequeno restaurante. Quando terminou e se dirigiu ao caixa para o pagamento, fez algumas sugestões bem pontuadas à proprietária, a qual se admirou de sua visão empreendedora. Algum tempo depois, visitou novamente o restaurante, ainda desempregada, quando recebe uma proposta de emprego vinda da mesma proprietária, Dona Ester, que era uma mulher obesa e fanática religiosa.

Passando a trabalhar no restaurante com empenho e dedicação, Sofia inclui bebidas caras e pratos refinados, fazendo a clientela aumentar. Em pouco tempo, vendo os lucros, Dona Ester lhe faz uma nova proposta: de passar de empregada para sócia do empreendimento. Ambiciosamente, Sofia aceita sem hesitar e passa a gerenciar um restaurante frequentado pela nova elite angolana, enriquecida com os despojos de guerra. A mesma guerra que a feriu e a traumatizou.

Essa primeira guerra, aparentemente estava no passado, mas ela precisava vencer agora sua “guerra interior” e, nessas batalhas contra os traumas que se projetavam em seu subconsciente, as narrativas se repetem: a história de Sofia (no presente) repete a história de Himba (no passado). Em outras palavras, a guerra ainda continuava. Uma guerra que se projetava de dentro de si para o espaço em que a

circundava, sendo que as dores, as tragédias, são (re)inventadas e (re)significadas com novas simbologias.<sup>8</sup>

Conforme menciona Whitehead, contido em Denise Borille de Abreu, na sua tese de doutorado sobre traumas femininos sobre a guerra:

Uma das principais estratégias literárias na ficção de trauma **é o instrumento da repetição**, que pode atuar em níveis de linguagem, imagem ou enredo. **A repetição mimetiza os efeitos do trauma**, pois ela sugere o retorno insistente do acontecimento e a ruptura da cronologia ou progressão narrativa. (WHITEHEAD, 2004, *apud* ABREU, 2016, p.103, grifos nossos)

É como se os traumas voltassem de uma forma cíclica, insistentemente, mas sempre, como já dito anteriormente nesse trabalho, com outras “roupagens”.

Já quando se autodenominava Himba, a protagonista, evidentemente, era guiada unicamente pelo seu instinto de sobrevivência, mas as experiências das violências, fome, rejeição, abusos e descasos – tudo que estava passando – seria como uma preparação para, na próxima narrativa, ser renomeada como Sofia: fria, calculista e, às vezes, até insensível com seus compatriotas.

Destarte, para o leitor atento, está subentendida uma pergunta em relação à Sofia: a guerra, com toda sua violência e traumas, é capaz de embrutecer, animalizar, tornar insensível, fria e desumana uma pessoa, tornando sua personalidade completamente diferente do que era antes? Quais as estratégias utilizadas por Sofia para camuflar seus próprios traumas? O que movia a ganância da personagem? Foi a sua ambição? O que moldou esse caráter ambicioso? A resposta parece ser óbvia para o leitor: a guerra e a necessidade de sobrevivência. Mas outras interpretações podem ser suscitadas, tais como buscar estratégias desesperadas para apagar as memórias de seu passado traumático.

Nesse capítulo, analisa-se o que modificou na personagem em seus pensamentos, características, atitudes e até seu próprio nome. Dentre os quais destacam-se: sua ganância, sua ambição e sua insensibilidade com os que pertencem à sua própria pátria (os que sofreram junto com ela), o qual representa a própria ganância da sociedade angolana, isto é, os novos ricos, no contexto pós-guerra civil.

---

<sup>8</sup> No entanto, paradoxalmente - no tempo da memória - essas duas narrativas acontecem juntas ou simultaneamente, como veremos no quarto capítulo dessa dissertação.

Através desse mesmo contexto, debate-se os problemas dessa mesma sociedade, problemas esses advindos do sistema capitalista (como ocorre em qualquer outra sociedade pós-moderna, mas, especificamente, acentuada na conjuntura do pós-guerra angolana). Por meio da perda da identidade da personagem e a formação e surgimento de uma nova, invoca-se o materialismo histórico de Marx, buscando coadunar com os novos objetivos de Sofia, inserida nessa (também nova) sociedade.

Inicialmente, analisa-se a mudança do nome e sua representação simbólica na vida da personagem. O mesmo será feito sobre a importância do nome na história de vida de personagens secundários, que tiveram uma passagem significativa na vida da protagonista.

Ao final da introdução desse capítulo, faz-se outro questionamento: poder-se-ia dizer que Sofia também foi mais uma “vítima” (se pudemos chamar assim) do sistema criado pela guerra e no pós-guerra angolano?

### **3.1 A simbologia dos nomes**

Em diversas culturas, renegar ou abandonar um nome possui uma grande carga de representatividade. Pode significar o mesmo que abandonar suas tradições, sua cultura, seu povo e, principalmente, seu passado e suas raízes. Por outro lado, pode ser início de uma nova vida, uma nova personalidade, uma transformação ou crescimento necessário.

A tradição ou “legitimação” para mudanças de nomes no mundo ocidental vem da própria Bíblia. Quando Deus mudou o nome de Sarai e Abrão para Sara e Abraão, trouxe juntamente com essa mudança bênçãos e prosperidade. Lembremos o contexto que determinou essa troca de nomes: ambos tinham mais de noventa anos e não tinham ainda um filho, pois Sara era estéril. O significado do novo nome de Abraão passou a ser “pai de muitas nações”<sup>9</sup> (antes era pai elevado) e o de Sara, evidentemente, mudou-se de estéril para fértil ou para mãe de reis e de príncipes<sup>10</sup>. A outra mudança mais lembrada na tradição bíblica judaica é o do nome de Jacó cujo significado era usurpador

---

<sup>9</sup> E não mais te chamarás Abrão, mas teu nome será Abraão, pois eu te faço pai de uma multidão de nações. Eu te tornarei extremamente fecundo, de ti farei nações, e reis sairão de ti. Gn 17, 5-7).

<sup>10</sup> A tua mulher Sarai, não mais a chamarás de Sarai, mas seu nome é Sara. Eu a abençoarei, e dela te darei um filho; eu a abençoarei, ela se tornará nações, e dela sairão reis e povos.” (Gn 17, 15-16).

e traiçoeiro, devido ao fato de ter roubado a benção e o direito de primogenitura de seu irmão mais velho, Esaú. Mas depois de várias provações, na qual a última foi ter lutado à noite inteira com um anjo, teve seu nome mudado para Israel, cujo sentido é “O que luta com Deus” ou “vencedor”<sup>11</sup>.

Em *Se o passado não tivesse asas* não passa despercebido ao leitor a profusão de nomes bíblicos que vão desfilando ao longo da narrativa: Dona Ester, Ezequiel, Isabel, Padre Adão, Salomé, Abdias, Noé, Kaleb, dentre outros. Mas, aparentemente, todos estão empregados no sentido irônico, visto que se alude a descrença da protagonista em Deus ou qualquer outra religião, quando a personagem, no período em que viveu no orfanato, avalia todos os sofrimentos traumáticos que passou em sua vida:

Deus castiga assim o crime do medo?

Ela tinha medo permanente dos rapazes mais velhos, capazes de a violarem de novo, e isso era pecado? Deus é Deus, não tem medo, sabe ninguém lhe pode tocar que fica logo queimado, ele próprio criou o medo do fogo eterno. Assim é fácil, até eu não me importava com a guerra. Reparou, pois tinha andado na catequese, que estava a cometer uma falha grave, duvidando da bondade de Deus. Se o criador de todas as coisas, também o é do mal. Quem cria o mal não pode ser bom. Himba percebeu, tinha perdido a fé. Já há muito tempo que não rezava, nem se lembrava disso. E as ideias heréticas não a assustavam, antes lhe davam agora prazer. (p. 152)

É importante ressaltar, a partir da história de Portugal – e talvez do próprio império português (que inclui os atuais países africanos em língua portuguesa) – que a hipocrisia religiosa é muito contestada na literatura portuguesa. Lembremos a obra *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queiroz, no qual o protagonista engravida uma paroquiana e não é punido por isso. Também no período da ditadura de Salazar – a mais longa do século XX, na Europa Ocidental, e que perdurou de 1933 a 1974 – os valores ou lemas de “pátria”, “família” e “igreja”, eram usados nas propagandas ideológicas, mas, como todos os regimes autoritários, eram uma ilusão e uma falácia criada pela máquina estatal. Esses valores estavam totalmente corrompidos pela corrupção, imoralidade e descrença. Algo que só foi revelado com o fim da censura imposta por tais governos despóticos. Aparentemente, a hipocrisia religiosa é algo que sempre esteve presente em Portugal e (por que não?) em suas ex-colônias.

---

<sup>11</sup> “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte contra Deus e contra os homens, e tu prevaleceste.”. Jacó fez esta pergunta: “Revela-me teu nome, por favor.” Mas ele respondeu: Por que perguntas pelo meu nome?” E ali mesmo o abençoou.” (Gn 32, 23-30).

Ainda sobre a mudança de nomes, é importante destacar uma fala do próprio autor da obra, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, que relata, em uma entrevista registrada no *Youtube*, a origem do seu pseudônimo Pepetela. O trecho merece ser transcrito:

(Entrevistador) Como surgiu o nome Pepetela?

No período da guerra, praticamente todos os guerrilheiros tinham um pseudônimo. Nos princípios essa ideia era para proteger as famílias que estavam sob o domínio português. Famílias que estavam nas cidades e nos campos vigiados pela polícia política portuguesa. Depois se tornou um hábito que se manteve até...mesmo depois da independência, até os que tem codinome e nunca fizeram guerra nenhuma. Em meu caso, Pestana é um nome de família, que bem do quimbundo, uma língua banto do centro norte de Angola. Em quimbundo Pestana é Pepetela. E então como eu não tinha nome de guerra...bem... houve uma reunião com uma série de sugestões até que alguém disse que Pestana era o mesmo que Pepetela. E acabou sendo mesmo esse... é muito mais sonoro e bonito. E assim ficou. Hoje eu só assino Pestana quando é para bancos e coisas do gênero. O resto é Pepetela.<sup>12</sup>

Como é de se supor, todo escritor escreve um livro a partir de suas próprias lembranças, bagagens ou experiências de vida que, transmutando-se e submetidos aos caprichos da imagem criadora, podem passar para o campo literário e da imaginação. Portanto, a predileção do autor pela escolha e mudanças de nomes ficou em seu subconsciente e possuíam um propósito predominantemente político, conforme refere Jacques Ranciere (1995) em sua obra *Políticas da Escrita*. A luta pela liberdade e independência também se processou no campo ideológico, além do que, conforme relato do autor, os nomes serviam para ocultarem-se da dominação portuguesa.

E quais seriam lembranças ou traumas que, possivelmente, ocasionaram a mudança de nome na protagonista de *Se o passado não tivesse asas*?

Logo no início do romance, nota-se uma associação com a busca por uma nova identidade da própria Angola, pois a personagem Himba percebe que as ruas e os bairros não possuíam nomes oficiais, sendo nomeados apenas na cultura oral. Por esse mesmo viés, assim como as ruas de Luanda não tinham nome, memória ou lembranças, a protagonista também não possuía. Ambas, personagem e cidade, estavam em busca de

---

<sup>12</sup> Entrevista disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nXWHIY-Sx24>> (transcrita com algumas adaptações) Acesso em 20 de Out. de 2022.

uma nova existência e suas memórias precisavam ser remodeladas, recriadas ou “apagadas”:

Nomes não fazem falta, interessam a memória dos lugares. E ela tinha uma excelente memória. Um recurso indispensável numa cidade onde os mapas eram raros e desatualizados e faltavam nomes de ruas e números de casas. Os carteiros lá se safavam em alguns bairros, mas era um saber muito antigo e transmitido pela tradição oral. (p. 39)

Pode-se ver aqui também que o desejo de esquecer os traumas contrasta com a falta de memória coletiva dos lugares da cidade de Luanda, ou do próprio país Angola.

O desejo por um novo nome, transparece na recordação de Himba, quando perdeu seu documento de identidade. No princípio representava um certo alívio e proteção sendo que: “Ela até era uma exceção, pois tinha bilhete de identidade, infelizmente tendo permanecido com o pai, o qual transportava os documentos de toda a família, com ele ficariam mais seguros.” (p. 152). E no trecho seguinte vê-se seu dilema sobre quem ela era realmente, representada na perda do documento e de sua “identidade” (p. 152): “Neste caso, teria sido melhor para ela se guardasse o documento. **Mas logo a dúvida surgiu, adiantava?** Teria posto o bilhete de identidade na carteira, que largou quando o caminhão saiu da estrada. **Perderia na mesma**” (p. 152, grifo nosso). Habilmente, a narrativa intercala perda de memória e identidade através da representação simbólica física do documento. Mais uma lembrança encobridora.

Sobre o significado do nome Sofia, vê-se que ele vem do grego *Sophos* (σοφός), que significa “sábio”, “instruído”<sup>13</sup>. Uma relação também com a palavra “filósofo” ou “filosofia” (o que é condizente, pois a quase todo momento a personagem reflete sobre a condição humana e a sua própria existência ao longo do romance). Himba também é o nome de uma etnia africana em extinção, o que é muito significativo a escolha desse nome, ou seja, a troca de um nome nativo por um nome mais ocidentalizado. Mas a explicação ou justificativa para a escolha e mudança para o nome Sofia, apresentada pelo narrador, está no primeiro encontro de Himba e Kassule, ainda crianças, nas ruas de Luanda. O menino buscava sua irmã perdida Sofia e pensou que fosse Himba, conforme narrado: “- Não, não és Sofia”. Ao dizer seu nome (que o decepcionou) Himba pergunta quem é Sofia, assim ele responde “- Ao longe parecias...”, relatando em seguida quem fora sua irmã e sua estória de vida. Nesse momento, a narrativa refere a irmã desaparecida de Kassule:

<sup>13</sup> Fonte: < <https://dicionario.priberam.org/sofia> > Acesso em 16 de Abr. de 2022.

(...) a minha irmã mais velha veio me visitar onde eu estava, mas houve um incêndio no bairro, a família onde vivíamos, nossos parentes, uma parte morreu no incêndio, o barraco desapareceu, ficou só cinza. Tivemos de abandonar o bairro... (...) Um dia, um carro parou, um homem falou da minha irmã. Ela me disse, espera aqui, vou ganhar comida e talvez dinheiro. Esperei. Não voltou. Dias passaram e eu à espera, nunca voltou. Costumo vir aqui algumas tardes, três vezes por semana, pode ser ela volta. (p. 41)

Kassule acrescenta que isso acontecera há cerca de um ano e agora ela devia ter o mesmo tamanho de Himba, seria parecida com ela. Por isso, Himba diz uma frase marcante e carregada de significado para a vida de ambos: “Às vezes é a vontade de ver que nos engana” (p. 41). Mas o menino ainda rebate com esperança “- Ela está bem e vai voltar. Eu sei vai voltar, a Sofia não ia me abandonar” (p. 41). De alguma forma, a lembrança desse desejo de reencontro marcou o subconsciente de Himba, que associou com seu próprio infortúnio.

Portanto, essa foi a principal justificativa para escolha do nome Sofia. Ele representava o acolhimento, família, proteção, alento em meio à guerra, como a própria diz mais à frente no romance: “(...) para sermos verdadeiramente irmãos...”. Todavia, o desejo maior era da própria Himba, pois Kassule “não achava grande ideia. Nem má. Tanto lhe fazia. Mas não entendia a razão daquela maluqueira” (p. 343), mas para ela era algo fulcral, de extrema importância. A mudança de nome possuía o peso simbólico de “enterrar” seu passado e, juntamente com ele, seus traumas:

Se tratava de mudar de identidade.

Os dois. Ficaram com o mesmo apelido e registrados como irmãos. **Não era a razão principal de Himba. A que ocultava. De facto, queria se libertar do apelido paterno, talvez isso lhe fizesse esquecer o passado, toda a dor acumulada, partia para uma nova vida com novo nome.** Sem o lastro da culpa do pai, vergonha por ele, causador da tragédia da família. E o primeiro nome seria Sofia, em vez de Himba, nome de kimbo. Sofia, como a irmã perdida de Kassule. Teriam o mesmo apelido e ficavam como irmãos. (p. 342, grifo nosso)

Assim, Sofia “usou” até seu irmão adotivo para seus propósitos. Mas antes disso, mentiu também para o padre Adão, responsável por eles naquele momento em que moravam no lar de acolhimento. Quando o padre não questionou a mudança de nome, mas o sobrenome, que para ele seria “renegar os apelidos paternos” sem justificativa, Sofia, maquiavelicamente, inventa que lembrava dos pais mortos e sentia uma imensa saudade e vontade de chorar quando escrevia o nome completo. Interpretando uma personagem sofrida, dissimulando, e passando por cima de memória dos “mortos” (que nada mais lhe importavam), ela consegue seu intento.

Mas em conversa com um outro morador do lar, Radamel, ela não conseguiu esconder as marcas dessas relações familiares, e foi obrigada a falar a verdade: “Quero rasgar o passado, nunca mais pisar naquela terra” (p. 345), colocando em palavras ou exteriorizando todo o seu desejo interior: “Como se muda de pele se não se muda de nome?”, “Quero esquecer o meu passado”, “acabou e quero enterrá-lo” (p. 345). Sofia, forçada a confessar ao padre o seu verdadeiro propósito, ouve, após esse refletir, um discurso que é como um ritual de passagem para a nova etapa de sua vida:

Em várias de nossas sociedades tradicionais, uma pessoa muda o nome se casa, ou se passa pelas cerimônias de iniciação e é considerado adulto. Há outras culturas em que se muda o nome porque se tem o primeiro filho, o pai e a mãe assumem o nome que a sociedade ou o grupo escolheu para o recém-nascido. Passam a ser o pai e a mãe de fulano. É curioso como chegas às mesmas práticas que não te foram ensinadas. Duvido que as soubesses. Mas talvez a razão seja a mesma por que elas ficaram instituídas nessas sociedades. À mudança de estatuto social deve corresponder novo nome. No teu caso por razões negativas, o azedume e o despeito. Nas nossas sociedades pode ser por outras razões... Está bem, vamos fazer como queres. (p. 346)

O discurso do padre Adão remete ao termo “rito de passagem”, que foi citado pela primeira vez pelo antropólogo Arnold van Gennep (1978), em sua obra *Ritos de passagem*, realizada a partir de seus estudos sobre rituais de puberdade em diversas culturas, como um período de incerteza e que conduz o indivíduo, nesse estágio de vida, a refletir e reavaliar qual seu papel no mundo, na sociedade e de sua própria vida. De acordo ainda com brasileiro e antropólogo Roberto Da Matta: “(...) os ritos de passagem como uma resposta adaptativa obrigatória, quando os indivíduos são obrigados a mudar de posição dentro de um sistema” (DAMATTA, 2000, p. 10). Algo que estava em transição naquele momento na vida de Sofia. O estudioso ainda acrescenta que “Deste ângulo, os ritos seriam elaborações sociais secundárias, com a função de aparar os conflitos gerados pela transição da adolescência à maturidade” (DAMATTA, 2000, p. 10). Essa passagem sempre é difícil, dolorosa, conflituosa e problemática em qualquer sociedade ou cultura, e como afirma o autor, o foco “é sempre nos jovens e naquilo que é percebido como uma arriscada e conflituosa transição dentro da sociedade” (DAMATTA, 2000, p. 10 -11).

Os ritos de passagem acontecem em praticamente todas as culturas, há um ritual que marca a passagem da infância para vida adulta ou estágio de amadurecimento: alguns são bárbaros, como, por exemplo, em algumas tribos africanas quando a mulher

tinha seu clitóris amputado por uma lâmina de pedra (nesses casos, algumas até morriam de hemorragia). Também em diversas culturas, o adolescente passa por uma prova de virilidade para provar sua masculinidade. Outros ritos são mais amenos, apenas com celebrações para exaltar, por exemplo, a primeira menstruação da mulher. Já em outras culturas, há a mudança de nomes, ao se passar para um novo estágio em qualquer época ou idade de vida. No romance de Pepetela, a personagem Sofia parece ser revista em ambas as noções. Através desse nome, ela queria se inserir na nova sociedade burguesa angolana que estava se instaurando no país, pois “o nome marca também um aspecto da subjetividade ou da posição social daquele *que nomeia*, e que é significado pelo Nome que escolhe. Portanto, o Nome é sempre significativo. E sempre uma forma de classificação” (MACHADO, 2012, p. 29). A relação do nome com a hierarquia social ainda é destacada por esse mesmo autor:

(...) se o Nome é uma marca de individualização, de identificação do indivíduo *que é nomeado*, ele marca também sua pertinência a uma classe predeterminada (família, classe social, clã, meio cultural, nacionalidade etc.), sua inclusão num grupo. O nome próprio é a marca linguística pela qual o grupo toma posse do indivíduo, e esse fenômeno é geralmente assinalado por ritos, cerimônias de aquisição ou mudança de Nome. A denominação é também a dominação do indivíduo nomeado pelo grupo. (MACHADO, 2012, p. 28)

Passa-se agora para o trauma camuflado nos nomes dos personagens secundários. Salomé, filha de um rico empresário angolano e frequentadora do restaurante, juntamente com seu namorado, torna-se uma das melhores “amigas” de Sofia. Na Bíblia, esse é o nome de uma mulher que usou o poder de sedução para conquistar o que queria, até metade do reino se quisesse (como assim desejava, interiormente ou em seu subconsciente, Sofia). Em uma conversa com a protagonista, descobrimos atos falhos em que se revelam sua nova personalidade:

-Considero um desperdício...  
 - **Ajudar Mulheres?**  
 - Não. Evitares **explorar** a capacidade que tens. Serias um exemplo de como as mulheres podem triunfar em qualquer assunto, derrotar o machismo condescendente... (PEPETELA, 2017, p. 74)

Observa-se que Sofia renega a palavra “ajudar” e emprega (de forma inconsciente) o termo “explorar”, até mesmo para alguém de seu próprio gênero: a mulher. Isso denota a sua personalidade formada como instinto de sobrevivência

durante a guerra, desenvolvendo uma personalidade um tanto calculista. Ela era, metonimicamente falando, uma amostra do que as guerras angolanas causaram: a insensibilidade com seus semelhantes e o desejo de salvar e beneficiar apenas a si próprio. A troca dos termos “ajudar” por “explorar” metaforiza perfeitamente isso, apontando como a escrita pepeteliana é exigente e requer um leitor atento para detectar as marcas do trauma em sua escrita.

Também é quase impossível a qualquer leitor do romance, seja masculino ou principalmente feminino, não se identificar com a reivindicação dos direitos das mulheres nos diálogos de Sofia com Salomé e nas entrelinhas dos acontecimentos de sua vida. Direitos esses, imiscuídos com a denúncia ao cruel sistema capitalista e a insensibilidade com as consequências da guerra, principalmente com os considerados mais fracos (crianças, mulheres e miseráveis):

E sempre está presente um disfarce, uma máscara, uma espécie de escamoteação, que parece conceder ao indivíduo o Nome, designando-o como proprietário, no momento mesmo em que se aliena dele, em favor do grupo, um elemento básico de sua individualização. Nada disso é um fenômeno isolado — o fenômeno social que afirma que dá no momento exato em que tira não deixa de ser significativo do sistema como um todo. (MACHADO, 2012, p. 29)

Dona Ester, ao ser explorada pelo pastor de sua igreja, também se torna uma vítima da exploração capitalista. Até mesmo a culpa pela morte causada por doenças dos compatriotas angolanos é, indiretamente e metaforicamente, atribuídas aos ocidentais ou imperialistas, representado na morte com causa possível de obesidade de dona Ester: “(...) havia cada vez mais gente a morrer com peso excessivo, derivado das maioneses, doçarias, essas coisas da nova civilização ocidental que estamos com ela” (p. 266).

Dizer que Dona Ester “reconhecia” o sacrifício de Sofia seria irônico, pois, na mesma passagem, é dito que o valor que ela gastava na igreja daria para pagar muitas vezes o que Sofia ganhava, mas isso não acontecia na prática, isto é, financeiramente falando. O reconhecimento era apenas moral. A proprietária do restaurante beneficiava financeiramente a si própria. Entretanto, Sofia aprendeu com a exploração e, depois, ela própria começou a explorar os demais, ou seja, seus compatriotas:

Todo o pessoal era dispensado às dez horas. Essas conversas depois do jantar traziam muito dinheiro, porque as bebidas eram vendidas a mais do triplo do preço de custo. O sacrifício dela era reconhecido por Dona Ester, só o lucro dessas tagarelices dava para pagar várias vezes o que Sofia Ganhava. (p. 29)

O falecimento de Dona Ester, simbolizava a morte “desejada” da burguesia capitalista ou dos novos ricos de Angola, que ficaram prósperos explorando as vítimas, obtendo bens ilícitos através dos espólios de guerra. Sofia, é claro, observa e aprende muito com eles. A própria burguesia que estava com ela lhe ensinou a ser uma “predadora” de sua própria espécie.

Percebe-se, no diálogo dos personagens secundários, quando Dona Ester, a dona do restaurante, e seu filho Ezequiel, que sofria há tempos problemas psicológicos, uma relação baseada num trauma – tema do eixo central da narrativa – e uma crítica implícita à religião e ao sistema capitalista, pois faziam terapia religiosa sem apresentar resultados satisfatórios:

Tens de ter paciência, são tratamentos demorados, questão de fé, foi o que o pastor disse, a falta da fé é que dificulta a cura. Se acreditasses...Eu faço força para acreditar mãe, faço muita força...Até me cago. Resposta que Dona Ester fingia não ouvir, podia parecer ofensa às crenças do grupo. (p. 25)

A crítica à religião exploradora está em vários trechos. O abaixo exemplifica, no momento do enterro de Dona Ester, que as despesas ficaram por conta da própria Sofia, mesmo sua ex-proprietária tendo sido fiel nos dízimos e ofertas:

Os fiéis da igreja foram no camião com bancos corridos e num autocarro fretado. O pastor disse antes a Sofia, as despesas do enterro não podiam ser por conta da igreja, tão pobrezinha, e ela disse, claro, não se apoquente (...) Pagou em antecipação a soma que ele deu, achando ser um roubo, mas não ia fazer cena, regatear antes do velório. Entraria nas despesas do restaurante, quando fizesse o balancete do mês. (p. 266)

Havia somente um obstáculo para os planos de Himba, em se tornar a dona do famoso restaurante: uma pretendente que almejava casar com Ezequiel, filho de Dona Ester: “Kiaxi ou outra qualquer pensaria, ele tem pelo menos metade, o que era uma fortuna para gente despossuída de tudo. Uma tentação a que era preciso cortar já as pernas” (p. 241).

A internação de Ezequiel – que na Bíblia é um profeta exilado na Babilônia – impedindo que esse recebesse a herança, seria uma espécie de “vingança” no subconsciente de Sofia contra a sociedade que a torturara. Lembre-se que sua mãe, Dona Ester, proprietária do restaurante, representava a nova sociedade angola capitalista e que inclusive explorou Sofia no começo da narrativa com baixos salários.

O próprio pastor, que simboliza a religião, tenta seduzi-la com um falso empoderamento das mulheres, mas Sofia não se engana:

Nesse aspecto, o vigarista do pastor, como lhe chamava Sofia, não se mostrou esquisito, até tentou convencê-la a aderir à seita, seria uma satisfação para a sua tia, que está lá no paraíso a olhar para nós e vai velar por si. E uma pessoa inteligente e sensível como a senhora era, não vou negar, uma mais-valia para a nossa instituição, quem sabe um dia chegaria a diaconisa ou mesmo bispa, as mulheres com capacidades se empoderavam cada vez mais, usando uma palavra muito em voga no meio empresarial africano. (p. 269)

É importante lembrar que Dona Ester teve velório e enterro. Tobias não. No entanto, ela logo é esquecida por Sofia, pois como ela mesmo diz: “Nunca esqueço o nome de quem me ajuda. Só esqueço os outros. É pena esses serem demais” (p. 132).

### 3.2 O “branqueamento social” de Sofia

É importante frisar, logo no início desse tópico, que o termo “branqueamento social” já circula no meio acadêmico e científico com outras significações. O mesmo não pode ser confundido com o sentido “biológico”, tal como aconteceu em diversos países, dentre eles a Alemanha nazista (mais violento) ou mesmo na Argentina, onde praticamente não há negros na população, tendo sido empregado de forma mais sutil, como o cruzamento ou políticas de migração e envio dos negros para às frentes de guerra. Enquanto o social se enquadra em uma linha de avanço de civilização, dominação ou superioridade, o desejo de branqueamento da pele caminha junto. Nossa sustentação teórica, nessa dissertação, para esse conceito, se baseia principalmente nas considerações de Franz Fanon, autor da obra *Pele negra, máscaras brancas*. A intenção da obra, segundo o próprio autor é “ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial” (2008, p. 44).

O primeiro motivo para esse desejo de branqueamento, segundo Fanon, seria o econômico; e o segundo, pela interiorização ou “epidermização” dessa inferioridade (FANON, 2008, p. 28). Porém, o negro só conseguirá enganar-se a si mesmo – como ver-se-á adiante na análise da personagem Sofia – pensando que “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será” (FANON, 2008, p. 34). O teórico denuncia que há um desejo pelo branqueamento não confessado e praticado

inconscientemente e, nesse propósito, há uma preocupação constante do negro em atrair a atenção do branco, de ser empoderado como ele:

Compreendemos agora porque o negro não pode se satisfazer no seu isolamento. Para ele só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco. Donde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego. Como dizíamos há pouco, é pelo seu interior que o negro vai tentar alcançar o santuário branco. A atitude revela a intenção. (FANON, 2008, p. 60)

Para o negro, segundo Fanon, nesse contexto colonial, só há um destino ou desejo: ser igual ao branco. O negro não precisava se inferiorizar. Ele próprio se auto inferiorizava, querendo ser aceito pelos ocidentais ou população europeia branca. Mas como se daria esse processo inconsciente de desejar “ser branco”? O que o motivava? Como conseguir esse branqueamento? Por que meios?

Uma das estratégias seria usar vestimentas da última moda europeias, objetos e outros hábitos, conforme Fanon discorre a seguir:

A maneira empregada para fazê-lo (...) é frequentemente ingênua: - usar roupas europeias ou trapos da última moda, adotar coisas usadas pelos europeus, suas formas exteriores de civilidade, florear a linguagem nativa com expressões europeias, usar frases pomposas falando ou escrevendo em uma língua europeia, tudo calculado para obter um sentimento de igualdade com o europeu e seu modo de existência. (FANON, 2008, p. 39-40)

A primeira “falsa adesão” de Himba, em sua futura transformação para Sofia, ao cruel sistema capitalista, é sua decisão, ainda no orfanato, de fazer um curso médio de contabilidade e gestão, já que seu amigo Job lhe incentivara dizendo que era boa em matemática. Futuramente isso lhe seria muito útil na administração das finanças do restaurante que ela iria usurpar da falecida Dona Ester: “Foi assim que Himba optou por contabilidade e gestão, uma carreira garantindo futuro risonho no capitalismo, como declarou Radamel ao saber da decisão dela. Ironia escondida na declaração do arquiteto?” (p. 298). Por isso, a narrativa afirma:

São necessárias, no entanto outras coisas, por exemplo roupas e sapatos, **não podes vestir sempre da mesma maneira**, serias muito desprezada...é isso mesmo, **esta sociedade é tão cruel como outra qualquer**, um estudante de certo nível já tem de se apresentar melhor que o nível de ensino inferior, para não sofrer a troça escondida dos colegas. (p. 297, grifos nossos)

Como diz o próprio Pepetela, pela boca de seus personagens, em *A Geração da Utopia*: “Quando uma parte de ti próprio exclui a outra, vai acabar por se dividir em sucessivos processos de exclusão” (PEPETELA, 1993, p. 305). Assim, o negro angolano renega-se a si mesmo, também de uma forma capitalista, na qual esse sistema pode ser simbolizado como assumir a cor branca, pois ela representa o poder financeiro. Dessa forma,

Metaforizando os agenciamentos simbólicos que convertem o mestiço num racista, a despeito de seu grau de brancura ou negrura epidérmicas, esse processo divisionista tende a acentuar-se entre os angolanos assimilados, sujeitos que irão compor parte importante da classe dirigente da nação. (FILHO, 2012, p. 269)

Outros autores que, além de Franz Fanon, e trabalham sobre o “branqueamento social” – mas não usam de forma que seja diretamente esse conceito – são Silvio Almeida, Walter D. Mignolo, Homi Bhabha, Paul Gilroy e Stuart Hall. Os mesmos também fazem refletir sobre a dupla consciência e dubiedade de pertencimento.

No caso específico de nossa análise, a personagem Sofia utiliza o “branqueamento social” como mais uma estratégia para apagar os traumas. Ela cresceu e sobreviveu através de sua própria desgraça.

Projetando-se em outra estória paralela que foi retida na memória da personagem protagonista, vemos ainda a interessante narrativa de Jezabel, nome que na Bíblia pertencia à uma prostituta que perseguia os profetas e seduzia homens poderosos, e em *Se o passado tivesse asas* era a esposa de um rico empresário brasileiro que fora assassinado em circunstâncias misteriosas. A herança, todavia, elaborada em testamento secreto foi toda para outra esposa e filhos “pouco beneficiando portanto Jezabel e Gidinho (seu filho), os quais não ficaram propriamente na miséria mas com bastante dificuldades para o seu estilo perdulário de vida” (p.164). Esse “estilo” de vida incluía operações plásticas e lipoaspirações para disfarçar a idade avançada de cinquenta anos. Mas o surpreendente era o desejo do seu filho em querer “branquear-se” e tornar-se mais europeu, assim como denunciavam os hábitos da mãe. Mais uma “máscara branca” conforme a definição de Fanon e o desejo não-confessado de Sofia:

No entanto, Jezabel e o filho estavam habituados a altos voos, como explicou Kaleb, com férias de três em três meses para todos os recantos paradisíacos do mundo e consequentes **internamentos em clínicas para remoçar o corpo da mãe, clarear o do filho, que tinha a estúpida pretensão de um dia passar por sueco.** (p. 164, grifo nosso)

Rememorando a imagens dos “predadores” (título de outro livro de Pepetela), Sofia sobreviveu com os restos de comida dessa burguesia que eram jogados nos latões de lixo. Já os novos ricos eram como parasitas, pois se assemelhavam metaforicamente aos abutres, que se alimentavam da morte ou dejetos, enriquecendo com a morte e a desgraça das vítimas de guerra.

Em *A Geração da Utopia*, de Pepetela, o papel dos candongueiros cabe aos personagens Vítor e Malongo, os quais, na análise de Josiel Ferreira Filho: “instalados nas cúpulas do poder a condição de negros profundamente europeizados [os candongueiros], para os quais os referentes populares e africanos tornaram-se objeto apenas de desprezo ou de manipulação política” (FILHO, 2012, p. 268-269).

O trecho em que Pepetela fala dessa geração de novos ricos que surgiram em Angola, é descrito da seguinte maneira:

Antes da Revolução de 1789, havia em França três Estados: a nobreza, o clero e o povo (...) Aqui (Angola) também há três Estados: a burocracia dirigente, os candongueiros (cambistas, intermediários) e o povo. Contrariamente a França, não é no Terceiro Estado que estão as forças que tomarão o poder. Aqui são os candongueiro, que hoje crescem à sombra de pequenos negócios mais ou menos ilícitos (...), desvios e roubos, falsificação de documentos (...). Quando a casca da utopia já não servir, vão despudoradamente criar o capitalismo mais bárbaro que já se viu sobre a Terra. (PEPETELA, 1993, p. 232-233)

E essa era a classe social que Sofia ia se inserindo, de forma sutil, quando participava dos momentos de conversas no restaurante, dos frequentadores de classe burguesa, mas sem abrir espaço para qualquer homem para uma futura relação (se ela se casasse realmente faria parte dessa sociedade). Marcada por sua trajetória de vida pessoal, retraía-se constantemente acerca deste tema, bem como fazia-se de desentendida para possíveis desvios de conduta de comportamento dos fregueses, porque os objetivos de vender e de lucrar estavam acima de qualquer situação amorosa. Também não se importava qual a origem do dinheiro, se ilícito ou não, que pagavam as contas do restaurante:

Os jovens apareceram mais vezes e consumiam todas as garrafas. Parecia, quanto mais caro era o vinho, mais eles bebiam. E pagavam com cartões de crédito de platina. Por vezes ela levava os cartões de crédito para pagamento e os nomes raramente correspondiam. Não interessava, ou eram dos pais ou nomes falsos mas empresas sediadas, ela não estava ali para investigar, apenas receber pagamentos. (p. 51)

Durante esses jantares no restaurante em que trabalhava, com os novos ricos, Sofia participava mais como ouvinte silenciosa (para aprender estratégias), do que propriamente como dever ser uma anfitriã – a protagonista tinha plena ciência que todos eles tinham enriquecido às custas da miséria dos que sofreram com a guerra: filhos de empresários, petrolíferos etc. Um dos indícios eram que todas as reuniões tinham como tema dos assuntos a exploração do território e da população angolana pobre para abrir espaço para grandes empreendimentos, dentre os quais o principal era o petróleo. Isso é tão evidente que ao final do romance, aparecem os carneirinhos flutuando nas ondas do mar, simbolizando a exploração do petróleo:

Ficou parada a olhar em frente.  
 Cabritinhos de espuma na crista das ondas. Escuros, oleosos, os cabritinhos.  
 Viu os novelos de ondas no mar.  
 Os novelos também estavam escuros, oleosos, restos derramados de petróleo. Ameaçadores.  
 Diego disse mesmo, é este o nosso futuro, a ditadura da ganância?  
 (p. 356)

Ainda sobre o “branqueamento”, percebe-se que Sofia dialoga constantemente com sua identidade do passado em um jogo de espelhos. Ela não deseja refletir-se no passado, mas cria uma nova imagem e ver essa nova imagem em um espelho. Essa metáfora é bem materializada quando, em um trecho do livro, ela é convidada para uma festa de luxo da nova elite angolana:

A vivenda, do lado esquerdo, brilhava com centenas de espelhos e mobílias de cristal junto de metal prateado. **Sofia treinara antes ao espelho**, por isso conseguiu compor um sorriso bem curto de espanto, nada que desse a perceber o seu deslumbramento de menina crescida pobre pela primeira vez entrando num palácio de fadas. (p. 117, grifo nosso)

O texto diz que ela “treinara antes ao espelho”, para como se portar nessa festa. Mas fica subentendido que ela já estava treinando há muito tempo para sua nova vida, sua nova identidade. Postura coerente com as reflexões, Abreu sobre o tema refere: “pode-se observar que as narrativas femininas de guerra trazem uma mulher que busca, a partir do trauma vivenciado na guerra, construir uma ou mais identidades, independentemente de essas serem reais ou ficcionais” (ABREU, 2016, p. 70).

Ao participar de uma festa de luxo, um outro trauma vem à tona: de comer restos de lixo, uma lembrança que ela queria apagar de todas as formas, ou seja, quando comia

ossos encontrados nos contêineres, junto com os outros meninos de rua. Como vê-se, de acordo com Seligmann Silva e Freud, o trauma transparece e se revela em acontecimentos repetidos, com outras roupagens ou lembranças encobridoras. Os ossos roídos é um deles:

(...) uma modelo anorética que Sofia tinha visto numa entrevista de televisão deu o exemplo, se levantando primeiro que todos e atirando os sapatos para o lado. Gritou, daqui a pouco me lanço na piscina, e muitos riram. Ela lá se foi, descalça, copo na mão, aos ziguezagues, se deixando cair numa cadeira de jardim. De certeza não tinha comido nada para não engordar, mas bebia, talvez pouco mas o suficiente para lhe cair o álcool na fraqueza e a pôr num estado lastimável. Foi a primeira bêbada da festa, já se tinha destacado nalguma coisa. De seguida um tipo branco se levantou e foi ter com ela, conversando como a lhe dar uma lição de moral. O mais provável seria uma tentativa de engate.

**Há quem goste de ossos e não é o cão.** (p. 125, grifo nosso)

Com grande sutileza, a narrativa engenhosamente transpõe, na última frase da citação acima, os que se voltavam para os restos de guerra, assim como fez a protagonista em seu passado conforme citado: “(...) e no fim ficavam sempre muito atrás no contentor, se satisfazendo com peles e osso de galinha de aviário, mais fáceis de roer.” (p. 101). Aparenta que a mulher com estado lastimável e degradante na festa, usada por todos os homens no passado, ainda deseja encontrar um par que queira “roer os ossos que sobraram”. Mas é também pode ser visto como uma metáfora sobre os empresários angolanos que enriqueceram às custas dos despojos de guerra e do sofrimento de seus compatriotas, além de se referir ao abuso sofrido pelas mulheres nesse contexto.

Um outro trauma do passado vem atormentar Sofia nessa festa de luxo: o desejo por possuir sapatos. Quase ao final da festa, os convidados embriagados começam a pular na piscina para uma espécie de orgia: “Em breve a piscina tinha umas vinte pessoas de ambos os sexos, nadando ou bebendo, seminus, algumas se tocando e beijando. Uns tantos convidados olhavam a cena com expressões de espanto, alguns com rictos de comodidade. (...) se constituía o público num bacanal programado” (p. 139), mas antes disso Sofia contempla que: “As roupas começavam a ser atiradas para a relva, os sapatos idem, um ou outro sutiã. (...) Os sapatos desirmanados procuravam outros pés” (p. 139). Isso remete à sua infância, de quando perdeu as suas sandálias, tal como exposto na seguinte passagem do romance:

Himba agora estava descalça, as sandálias tinham ficado perdidas na floresta. Os pés não estavam habituados ao cimento quente ou à areia de cima da praia, igualmente a queimar quando o sol batia furioso. (...) Não pensava no que lhe tinha acontecido, varria a memória como uma mão aberta, como se pudesse. Lamentava a perda das sandálias, a mãe tinha comprado numa loja do município, eram rasas, cor-de-rosa, boas para o pé entrar. Como substituir as sandálias? O pensamento fixo nas sandálias, a sua perda menor, impedia-a de ouvir muito das conversas dos outros, era frequente terem de lhe repetir qualquer coisa. (p. 100)

Em outras análises sobre o romance, como as de Ferreira e Almeida (2017), a perda dos sapatos está ligada aos dois principais eventos traumáticos na vida da personagem, sendo o primeiro a perda ou execução da família e em seguida os dois estupros. Sobre o último, decorrido depois da morte de seu protetor Tobias e perpetrado pela gangue rival, as autoras analisam que: “Desde este fatídico episódio na floresta, Himba não só passa a andar descalça como se aliena constantemente das conversas” (FERREIRA; ALMEIDA, 2017, p. 235). E destacando a simbologia dos sapatos com o elo de seus familiares é perscrutado que: “A perda das sandálias não é, no percurso órfão da protagonista, mero pormenor, antes representa a perda do único objeto que a ligava à família e à sua vida anterior, proporcionando algum conforto físico, por isso lamenta o sucedido” (FERREIRA; ALMEIDA, 2017, p. 235). Encontrar esse objeto, ou até mesmo roubá-lo ou conquistá-lo a qualquer custo, seria como um eufemismo para abrandar a dor das perdas que tivera: “Em vista dessa “perda maior”, encontrar um calçado alternativo passa a ser uma obsessão capaz até de minimizar a dor da violação e de a impelir a roubar, ato que a Himba do Planalto Central sabia ser reprovável” (FERREIRA; ALMEIDA, 2017, p. 236).

Portanto, percebe-se que o trauma se encontra mais camuflado em Sofia do que em Himba, que não conhecia as estratégias necessárias e suficientes para o disfarçar. E, embora ao utilizar-se o termo “vítima” para caracterizar Sofia, percebe-se que ao mesmo tempo que ela foi vítima, ela também se beneficiou desse sistema.

## 4 A FUSÃO DO TEMPO E ESPAÇO NAS MEMÓRIAS

- A guerra manda cenas estranhas – disse Mariano. – Cria heróis e também bandidos (PEPETELA, p. 278).

Toda obra literária ganha novas interpretações com o processo da “releitura”. Assim aconteceu quando em *Se o passado não tivesse asas*, retrocedendo ou avançando em *flashbacks*, redescobriu-se as pistas de uma personagem que “denunciava” sua identidade por meio de seus traumas através de pequenos atos falhos.

Neste capítulo, observa-se como os traumas de guerra são possíveis de serem “lidos” nos espaços apresentados no romance, como, por exemplo: a floresta, a praia, a ilha de Luanda, o orfanato e o restaurante, dentre outros. Espera-se demonstrar a “fusão” do tempo e do espaço nas memórias, sendo que, paradoxalmente, mesmo aparentemente “separadas” as duas narrativas não estão “desvinculadas”.

### 4.1 Eu sou o que seu país fez de mim: momento epifânico

Quase ao final do romance acontece um momento epifânico sobre a “verdadeira” identidade de Sofia que se revela (ou se denuncia) em uma discussão com Diego sobre valores, moralidade e honestidade, na qual ele a acusa de gananciosa e ladra. O diálogo merece ser reproduzido:

- Não posso mais morar contigo. Vou arrumar as minhas coisas e deixar essa casa.
- Porquê?
- Não posso beneficiar do roubo que cometeste. Como posso comer da comida que trazes para casa, usar a eletricidade que pagas, o aluguel do apartamento? Seria cúmplice e não quero ser. Lamento.
- (...)
- Não precisas ir embora.
- Preciso mesmo. Não posso conviver com a ganância ou o resultado dela. Não vou ser um escravo desta ditadura da ganância, que parece ser o nosso destino. Outros sejam escravos. Eu sou diferente.
- **Eu sou o que fizeram de mim. O teu país.** (p. 354, grifo nosso)

Nessa cena, em nossa interpretação, o passado e o presente de Sofia e Himba se unem e também o tempo e espaço se tornam apenas um. Sofia finalmente encara o espelho e olha sua verdadeira face em uma iluminação ou revelação de tudo. Mas antes de se adentrar nessa leitura, é preciso refletir sobre o significado do termo “epifania”.

Para Nascimento (2016), o significado do lexema “epifania” tem sua origem na Bíblia, ou seja, possui significado religioso, para somente depois ser transposto para a literatura significando “manifestação” ou “aparição” das diversas formas que Deus se revela aos homens, surgindo e desaparecendo de forma repentina e misteriosa. Na Bíblia, há alguns exemplos: quando Abraão recebe a visita de dois anjos e a promessa que, dentro em breve, sua esposa Sara daria luz a um filho, mesmo os dois já sendo idosos. Depois desse episódio, o outro em que há revelação é quando Deus ordena a Abraão que seu único filho Isaque seja sacrificado, mas antes de executar a ordem ouve uma voz do céu que não fizesse tal coisa, pois tudo era um teste para saber se ele realmente temia a Deus e não lhe negaria o seu único filho. O próximo momento epifânico é quando Deus se revelou a Moisés de dentro de uma sarça ardente e no dilúvio que durou quarenta dias e quarenta noites; na descida do Espírito Santo à Terra, no dia de Pentecostes; quando Deus se revela a Saulo na estrada de Damasco, vendo uma grande luz que o faz cair do cavalo e ficar cego por três dias, dentre várias outros (NASCIMENTO, 2016, p. 33-34).

Em *Se o passado não tivesse asas* é como se a personagem reconhecesse e admitisse para si mesma algo que estivesse negando há muito tempo, como viu-se na cena da discussão entre Diego e Sofia, pois conforme Nascimento: “A comparação entre a vida antes e depois da epifania também não é algo agradável, visto que pode ser encarada como uma mudança tardia. A personagem, então, se encontra face a face consigo mesma” (NASCIMENTO, 2016, p. 40). É como um choque que possibilita ao personagem uma nova visão do mundo e de si mesmo e também uma nova avaliação do percurso da narrativa. Paradoxalmente, se a protagonista nega seu passado e ao mesmo tempo a sua identidade, mas como diz Ferreira e Almeida em sua análise “tragicamente, a jovem não se apercebeu de que o passado tinha ficado preso dentro de si (parafrazeando as palavras do narrador, o passado vivia com ela, vivia nela)” (FERREIRA; ALMEIDA, 2017, p. 243). Reiterando o que se disse antes: Sofia cai em si, apercebendo-se do ser humano insensível que se tornara, graças às palavras de Diego, pois “A epifania é um momento paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que é fugaz, é também pleno de percepção e de lucidez, resultando em uma possível resolução de um problema humano” (NASCIMENTO, 2016, p. 40).

Para Souza: “(...) em momento nenhum há esse ponto de virada para Sofia, sua trajetória segue contínua. O ponto de virada se dá apenas para o leitor, que quebra a

expectativa da construção do herói” (SOUZA, 2018, p. 617). Toda sua trajetória de ascensão de Sofia era para transformar ou mascarar uma mentira em verdade.

Sofia sempre quis ser outra pessoa e apagar seu passado. Todavia, através da fala de Diego, logo ao final do romance, nota-se que ela também tinha a opção de não se tornar uma pessoa calculista, de não aderir aquele sistema e de não renegar sua história, suas tradições e suas raízes. Mas sua postura poderia ter sido outra: “- Outros sofreram tanto como tu e continuam honestos e dignos. Humanos...o país é de todos e não deve ser culpado pelos erros dos seus filhos.” (p. 354). Diego, desvela, nesse momento de discussão entre os dois, o único que tiveram em toda a vida, a face escondida da irmã:

- Também tenho culpa. Desconfiei que tinhas problemas desses e nunca tive coragem de falar contigo, de te contar minha experiência e como era importante arranjar um namorado. Te ensinar como podias fazer. (...) Devia ter rompido a barreira que criaste à tua volta. Reconheço, tenho culpa. Desconfiei que estavas a afundar e não soube dar a mão (p. 354).

Tudo fora inútil pois Sofia nunca deixara de ser uma órfã, emocionalmente falando. Nunca conseguira superar seus traumas. E somente após a perda de seu irmão adotivo Diego, que vai embora do espaço do apartamento seguro e de classe média, que ela conquistara para os dois, a protagonista consegue refletir sobre isso:

Ao perder a companhia de Diego, Sofia experimenta aquilo a que se poderá chamar de orfandade emocional. Diego acusa-a de se ter transformado numa pessoa distante que esquece os amigos que tanto a ajudaram, uma pessoa incapaz de superar a violência sofrida no passado, exorcizando as feridas das perdas traumáticas (da família, de Tobias) e das agressões físicas. (FERREIRA; ALMEIDA, 2017, p. 241)

Em trechos anteriores, há também antecipações sobre a transformação da personalidade de Sofia, dando pistas para o momento de epifania. Ao admirar um quadro de Diego ela vê a si mesma “numa cena de vida selvagem, uma leoa a levar a perna de um ondjiri que matara e desventrara, enquanto uma hiena e um mabeco esperavam para se atascarem nos despojos (p. 92). Comparando com outros trechos do romance que “há uma história por trás, se percebe, a hiena e o mabeco são símbolos fortes dos aproveitadores” (p. 47). Ou que “a qualidade constante estava nos outros animais, bem retratados nos seus instintos básicos, a leoa com a arrogância elegante da força triunfante, o mabeco e a hiena com fáceis de ganância, covardia e traição” (p. 93). A situação da população angolana, durante e no pós-guerra, era metaforizada no instinto de sobrevivência dos animais que, todavia, ao serem retratados nos humanos

simbolizavam sentimentos vis. Ainda trabalhando com a releitura e associação, percebe-se que a metáfora dos animais é usada para antecipar a epifania, ou, em outras palavras, da revelação do que seria obrigada a se tornar Sofia, devido às circunstâncias: “Kassule percebeu ainda que Himba aprendia depressa a arte de se defender, e sobreviveria, mesmo rodeada de hienas” (p. 174).

Outro momento revelador é quando Sofia contempla seu retrato (de quando ainda era Himba) guardado no fundo da sua gaveta da cômoda (ou no fundo de suas memórias, em nossa leitura sobre espaços). É uma cena que retrata muito bem o seu estado, sua memória, enfim, sua identidade e tudo que ela se tornara, fazendo uma retrospectiva de toda sua trajetória:

Foi ao quarto e abriu a gaveta do fundo da cômoda. Afastou as roupas e encontrou o retrato que ele tinha desenhado no lar. Um dia ela comprou uma moldura para proteger o retrato mas nunca mostrou a Diego. Ele provavelmente nem se lembrava dessa sua primeira obra. Olhou para ela durante muito tempo. Havia tristeza, sim, mas era ela. O olhar era duro, depois amansava. Seria ela dura? Sim, tinha de reconhecer. Chorou por cima do retrato, porque ele lhe dizia coisas que ela não queria ouvir. Diego sabia como ela era. Há muito tempo. Esse conhecimento estava ali, aprisionado no retrato. Para que negar?

Guardou o retrato na mesma gaveta. (p. 355)

Nesse momento, quando Sofia retira um retrato seu da gaveta e relembra a forma como Diego lhe pintou, revelando uma face de sua verdadeira personalidade que ela queria ocultar e esquecer, há um incômodo de sua parte. A maioria das pinturas e fotografias são habilmente manipuladas para evitarem recordações. Ela desejava reescrever sua história e não a reviver. Por isso queria eliminar qualquer traço. Assim como o clássico *O retrato de Dorian Grey*, aquela fotografia revelava demasiado sobre ela. Por isso esconde a foto em uma gaveta e não a deixa em cima de uma escrivaninha ou exposta em uma moldura na parede. Ela não quer mais recordar seu antigo nome e quem ela era. Ela faz uma “maquiagem” ou “embranquecimento” na mentira para torná-la verdade. Mas, como já relevado, tudo fora ineficaz, até mesmo as vantagens econômicas obtidas à altíssimo preço, pois o título do romance não alude ao passado, de acordo com Ferreira e Almeida. Não é um passado com asas que foi embora rapidamente, mas que, contrariamente, sempre retornava de forma veloz em seu presente com seus traumas de violências físicas e psicológicas:

Trata-se, com efeito, de um passado com asas para constantemente permitir o voo até às marcas profundas que atrás de si deixou, continuando a fazer-se presente ainda, mesmo naqueles casos em que a carência económica pôde ser substituída por alguma abundância material – obtida ao altíssimo preço do sacrifício da solidariedade dos afetos humanos. (FERREIRA; ALMEIDA, 2017, p. 243).

Analisa-se agora como o passado e o presente, ligados pelos traumas, estão presentes nos espaços do romance.

#### 4.2 O trauma no espaço

De acordo com o historiador Eric Hobsbawn, quando a escritora britânica Jane Austen escreveu seus livros idílicos, tais como *Orgulho e Preconceito*, ambientados principalmente no interior rural da Inglaterra, é praticamente impossível para um leitor perceber que foram produzidos em um período das guerras que assolavam o continente europeu no século XIX (se o mesmo leitor desconhecer esse contexto). O trecho em questão é o seguinte:

Jane Austen escreveu seus romances durante as Guerras Napoleônicas, mas nenhum leitor que não saiba disso o imaginaria, pois as guerras não aparecem em suas páginas, embora um certo número de cavalheiros que passam por essas páginas indubitavelmente tenham tomado parte nelas. É inconcebível que qualquer romancista pudesse escrever assim sobre a Grã-Bretanha nas guerras do século XX (HOBSBOWM, 1988, p. 41-42)

Todavia, discorda-se aqui dessa assertiva. Acredita-se, sim, que essa tensão, em uma análise mais acurada, é possível de ser percebida nos personagens, no enredo e, sobretudo, no espaço. Como dito anteriormente, os acontecimentos reais “transmutam-se” ao serem transpostos para o ficcional e podem, sim, ser percebidos de forma como “camuflados” no texto literário.

Em *Se o passado não tivesse asas*, tanto nas narrativas paralelas quanto em cada traço fictício das personagens, os espaços são representados com uma simbologia extremamente significativa para camuflar as consequências dos traumas de guerra. Para a leitura desses espaços, utiliza-se o conceito proposto por Bakhtin (2002, p. 211) de cronotopo, que é formado com palavras gregas, onde *crónos* (tempo) e *topos* (espaço) e demonstra a interligação fundamental das relações espaciais e temporais transpostos no texto literário:

A representação do tempo une-se à do espaço como uma metáfora que se faz real: o tempo se faz visível e o espaço responde a esta visibilidade dos movimentos do tempo e do enredo. Os significados tomam a forma de um signo audível. (BAKTIN, 2002, p. 258)

Com relação específica ao tempo, Bakhtin (1997) compreende que há duas instâncias: o tempo cíclico e o tempo histórico. Com esse último é possível compreender não somente as atividades construtivas como também as destrutivas (em nosso caso, a guerra). Em nossa leitura cronotópica, portanto, segue-se o seguinte esquema no romance:

Tabela 1: Fusão entre espaço e tempo na memória da personagem.

Espaços	Traumas que desejam serem esquecidos
Floresta (inclui a estrada)	Morte da família, medo de dirigir, fome, frio.
Ilha de Luanda (inclui praia e ruas)	Primeiro e segundo estupro, pés descalços, mar (que é limpo no começo, mas torna-se escuro com o petróleo).
Orfanato	Mudança de nome, orfandade, nova tentativa de estupro.
Restaurante	Lado de fora: contêineres com restos de comida, ossos ruídos. Lado de dentro: exploração capitalista (Dona Ester, Pastor, frequentadores ou clientes do restaurante).
Apartamento	Dormida ao relento na floresta, praia e rochas. Acolhimento.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda no conceito de cronotopo literário, o tempo se comprime para que possa se tornar artisticamente visível, enquanto o espaço se expande para que possa penetrar no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo, mencionados por Bakhtin, transparecem no espaço, para que o espaço passe a ter sentido e seja medido com o tempo. Sobre essa concepção de espaço, Bakhtin discorre:

(...) os indícios da história remetem sempre ao humano e à necessidade- é onde o espaço e o tempo estão unidos num vínculo indissolúvel. [...] o espaço terrestre e a história humana são inseparáveis, e isso se transmite à obra, conferindo intensidade e materialidade ao tempo histórico, humanidade impregnada de pensamento ao espaço. (BAKHTIN, 1997, p. 259)

Percebe-se como a obra em si é marcada por vários elementos de tempo-espaço abertos e fechados, como a floresta, a ilha de Luanda, a estrada, o Orfanato, a floresta e o restaurante, exprimindo valores, sentidos e ideias que contribuirão para as personagens e, conseqüentemente, para os leitores, a ampliarem as visões de mundo e trilharem outros caminhos.

#### 4.2.1 Floresta

Conforme apresentado no capítulo sobre a personagem Himba, a floresta em si representa vários traumas para a protagonista: a morte da família com a explosão do veículo, o fato de ficar perdida no planalto da estepe com frio, fome e o urro de animais durante a noite aterrorizante. Mas nesse espaço surge também uma estrada que se apresenta junto ao sol que se ergue. Na construção desse espaço, não se pode esquecer que dentre as várias famílias que fugiam da guerra, dentre essas a de Himba, a estrada representava uma busca pela paz e pelo refúgio. Assim, o cronotopo da estrada para Himba é metaforizado como caminho para achar sua família, que tem o simbolismo do seu porto seguro. As reflexões de Himba (e futuramente como Sofia), na floresta, somente são possíveis devido a “porta dos cronotopos”. É na estrada que Himba iniciará o seu processo de formação que a guiará para uma personagem que começará a desenvolver sua consciência, conhecimento interior e compreensão do mundo externo. Dessa forma, a personagem passará pelo cronotopo da mudança da sua própria vida. Segundo Daniel Silva, em sua monografia sobre os espaços em *Se o passado não tivesse asas*:

Para Himba, a estrada significou o encontro com o bando que dilacerou a sua família, porém a estrada possibilitou o encontro de ajuda para que conseguisse sair do Planalto e chegasse à Luanda. A estrada/rua trazia, agora, para Himba, o menino que iria acompanhá-la como um irmão adotivo, em sua luta pela sobrevivência na Ilha. (SILVA, 2020, p. 93)

Realmente é na estrada ou rua que Himba se encontra com Kassule: esse é o segundo encontro mais significativo (depois dos militares que a encontram) para a personagem, relacionando a perspectiva bakhtiniana do cronotopo da estrada, que está metaforicamente, ligado aos encontros, independentes de serem negativos ou positivos.

Antes disso, Himba acreditava que a direção a ser seguida na estrada era em direção ao sol, que se posiciona como uma representação simbólica do início de seu rito de

passagem para construção de uma nova vida, desenvolvimento de sua formação e início dos desafios. Na verdade, a estrada da floresta, junto ao sol, indica o início de sua evolução histórica.

Retornando ao primeiro trauma, após o ataque que resultou na morte da sua família, Himba dorme no meio da selva, ouvindo uivos de uma criatura que não soube reconhecer, mas que ficaram registrados em seu subconsciente, associado com o frio do planalto, a fome, a sensação de perda, enfim, as consequências da guerra:

À noite soube que estava perdida e se deitou no chão, a chorar. O frio do Planalto lhe entrou no corpo e não adiantava muito ficar toda recurvada em posição fetal. Cansada, acabou por adormecer. **Para acordar com o uivo de um animal que não soube identificar.** Um mabeco, uma hiena? Uivos terrificantes, em seguida o barulho da solidão. Houve logo depois outros uivos e ruídos de patas a arrastar no chão, silvos estranhos, talvez de cobras, e pios de corujas. O mato se encheu de rumores, sombras, fulgores, e ela não conseguiu mais adormecer, abraçada ao seu medo. Estava perdida, sem a família, a bater os dentes de frio. E de desespero. (p. 13, grifo nosso)

Em resumo, esse foi o segundo trauma: quando descobriu que estava perdida e começou a chorar em meio ao frio que adormeceu e se viu em uma selva com vários animais selvagens, os urros de um animal e outros barulhos. A selva em si ou a projeção da subjetividade de seu subconsciente nesse espaço poderia representar representaria ou metaforizaria os horrores da guerra e seu caos interior.

Somente ao amanhecer do dia, ela identificou que não eram os urros do leão ou da leoa, o qual em seu município a ensinaram a temer. Portanto, nas lembranças de infância que estavam em sua memória ela foi “condicionada” a sempre fazer uma relação dos rugidos do leão ou outros animais semelhantes, com a guerra. Esse seria mais um deslocamento ou “lembrança encobridora”, de acordo com a visão freudiana, que buscava camuflar os horrores da guerra:

E lembrou então, **não ouviu urros de leão.**

Ainda bem.

Quando os urros do leão chegavam ao município, vindos de longe, quilômetros e quilômetros que desconseguiam de os abafar, os homens iam buscar as armas de guerra ou os canhangulos antigos, faziam batidas para caçar o bicho. Não era seguro conviver com um leão perto, sobretudo com as agressivas leoas, as vidas das crianças ficavam em perigo e as suas, as dos seus bois e cabras. (p. 13, grifo nosso)

Ela temia a floresta ou a selva africana. Seria um espaço proibido dali em diante em sua vida, até mesmo quando se tornasse adulta:

Do sítio onde havia o restaurante até ao princípio da floresta eram duzentos metros, mas com a avenida no meio. Talvez por isso nunca tinha passado para o lado de lá, **evitava cruzar a avenida**. Esse afastamento da floresta podia ser considerado estranho, dado o hábito que ela tinha de árvores e outras plantas, todas as plantas, a profusão de espécies do Planalto central. **Pressentimento?** (p. 86, grifos nossos)

Na floresta, metaforizado no rugido de um leão, ela não encontra acolhimento, assim como também não encontrará na ilha de Luanda, que é representado por uma leoa, conforme vê-se a seguir.

#### 4.2.2 Ilha de Luanda

Em sua trajetória, antes de chegar ao orfanato e a escola, Himba atravessa os espaços das ruas da cidade (ou ilha) de Luanda, onde vai moldando sua personalidade. Como se viu: procurou ajuda das autoridades, mas nada obteve. Passou fome, dormiu ao relento e conheceu vários outros menores órfãos, como ela, nas ruas e, conforme análise das narrativas paralelas, a desgraça e busca pela sobrevivência os unia. Alguns desses órfãos tinham morado até próximo de Himba, na terra com montanhas, mesmo sem ela saber. O narrador demonstra com isso que os laços do infortúnio eram mais fortes do que as divisões políticas de fronteiras de províncias, ou reinos, seja lá o que for. Eles pertenciam ao mesmo espaço: “Riras as duas. Mal sabiam elas, nem Himba, pois o pai talvez desconhecesse ou lhe faltou tempo de lhe contar, mas as duas terras tinham pertencido ao mesmo sobado grande, jagado, reino ou lá o que queiram chamar àquelas montanhas a furar o céu” (p. 105).

Nessa parte da obra, os urros de um Leão (uma metáfora da guerra), uma leoa (metáfora da própria ilha de Luanda) e a própria imagem da floresta e da cidade também aparecem em circunstâncias muito significativas quando as crianças órfãs, Himba e Kassule, perambulam pela ilha de Luanda procurando um canto qualquer para ficarem e dormirem, enfim, um lugar ou espaço que os acolhesse:

Foram para mais longe, no sentido do fim da ilha. **A floresta afinal era um mundo em si, pensou Himba**, pois mal se ouvia o barulho dos carros, se viam mais é grandes barcos a fundear a baía, à frente o porto com a cidade e seus prédios altos. Insetos e pássaros. Poucas pessoas. Uma velha ao fundo a apanhar paus secos para a fogueira da noite. Míudos a banharem na água muito calma da baía. Galinhas e cães. **Barulhos abafados. A leoa ao longe a rugir, arfando.** (p. 87, grifo nosso)

No trecho acima, a descrição da paisagem alude que tudo aparentemente está calmo com poucas pessoas. A floresta e a cidade praticamente são a mesma coisa, na memória da personagem em mais uma fusão de tempo e espaço, graças às lembranças traumáticas de guerra. Quase não se ouvia o barulho dos carros, mas sim os sons da natureza como pássaros e insetos. Mas a guerra está ali. Ao fundo e abafada, representada no rugido da Leoa, assim como os traumas de Himba:

Madia animava as conversas, sabia muitas coisas da grande cidade, aquela leoa que ficava lá atrás, ameaçadora. Quando não havia gritos nem barulho de carros na avenida da Ilha, se ouvia sempre um trovejar constante, por vezes vinha do Sul, por vezes da frene, do outro lado da baía. **Era o rugido da leoa**, marcando território, ninguém põe o pé perto dos meus filhos, eu ataco para os defender. Implacável. Quem seriam os filhos da grande cidade que ela protegia? Teria realmente filhos ou era uma leoa estéril? E os filhos consideravam-na mãe e a respeitavam, sabia ao menos que ela os defendia? Defenderia mesmo ou se alimentava de todos? (p. 83, grifo nosso)

O espaço em que se localizava os filhos ou órfãos de guerra era à margem da sociedade sem perspectivas para o futuro. Por isso, ela queria que seu passado tivesse asas em sua memória e que esses tempos horríveis fossem abreviados. A “leoa” não os acolhia, como nesse outro trecho em que é apresentada como a cidade de Luanda: “Tinha dificuldade em reconhecer, mas a saudade estava lá incrustada, como sempre, saudade de muita coisa que devia ter ocorrido e não aconteceu, muita gente que foi e não se sabe para onde, na voracidade da vida cidadina da grande leoa” (p. 328). Tanto que, naquele altura, os órfãos viviam em estado de alerta constante, um sintoma do trauma de guerra. O som das explosões era associado com o rugido dos leões e também com os barulhos da cidade, como bem destaca a narrativa: “Dormiram quando a cidade se aquietou um pouco. Rugia, no entanto, nunca ficava calada. Ela já tinha aprendido. Talvez na ilha fosse tudo calmo, podiam descansar sem se sobressaltarem com aceleradas de um carro potente ou uma moto” (p. 57). Luanda também era um espaço ou território de ruas, vielas e becos, demarcados por variados grupos rivais, compostos por crianças e por adolescentes e as histórias contadas por esses, conforme apontado em capítulo anterior, também torna possível uma união entre o tempo e o espaço. Segundo Silva:

A fronteira do real e da memória é perpassada pelas personagens, quando se voltam para dentro de si. No romance de Pepetela, o cronotopo de Luanda no passado é o que Himba encontra-se perdida, dormindo na rua da baía da cidade, enquanto o cronotopo de Luanda no futuro é o que Sofia mantém-se

com o foco no restaurante em que trabalha diariamente por horas. (SILVA, 2020, p. 90)

Para esse pesquisador, o cronotopo da Ilha de Luanda passa a ser explorado por dois pontos de vista: a visão de Himba, que vê os restaurantes de fora ou de trás, onde ela e seu irmão adotivo Kassule lutam por comida. E em seguida pela visão de Sofia, que vê por dentro, ou melhor, tem a visão da dirigente de um restaurante.

Na ilha também se intensifica maior o trauma dos pés descalços e o fato de não possuir nenhum sapato para conseguir andar mais depressa – correr, fugir (possuir asas, como o título do romance sugere). Na ilha foi preciso percorrer à pé uma rua empoeirada, em busca de ajuda dos órgãos públicos que não a acolheram (p. 248). Lá também foi onde ocorreram os estupros que não pode evitar. E também conheceu Kassule e em sua perna amputada, que limitava sua locomoção, projetou seu trauma de não poder andar mais rápido e fugir de todo aquele espaço aterrorizador.

#### 4.2.3 Orfanato

O orfanato é um espaço de encontro de instâncias díspares: abandono, acolhimento, socialização... Nesse local Himba e Kassule viveram até o acordo de paz da primeira guerra. Mas também é um local de reclusão. Antes de ir para à casa de refúgio, Himba fez uma retrospectiva e avaliação e toda a sua vida até naquele momento. Observa-se nos trechos abaixo grifados que, simbolicamente, ela ia começar a dar os seus primeiros passos no espaço do orfanato e comparar sua vida com a de seus compatriotas:

Himba percorria mentalmente os passos de sua vida, tão curta e cheia de tristezas, terror, sofrimento. É assim mesmo a vida das pessoas normais? Não lhe parecia. Primeiro foi tudo bem, o tempo da descoberta e das brincadeiras e do amor. Depois o mundo caiu com a fuga do município, a sua vida se virou de pés para cima, tudo foi acontecendo, cada vez pior. (...) Agora já não desejava mais nada, ficava satisfeita com o que tivesse, só tinha **de andar, andar, evitar pensar, evitar fazer comparações com outras vidas**, o passado se enterrava automaticamente, inútil fazê-lo ressuscitar, pois só trazia sofrimento, saudade, angústia. Devia agradecer cada minuto de vida e viver assim, cada minuto de sua vez.

O futuro não existe para gente como nós, só o minuto em que ainda cá estamos. (PEPETELA, 2017, p. 233)

No orfanato é onde ocorre a primeira “falsa adesão” de Himba, em sua futura transformação para Sofia, ao cruel sistema capitalista, quando toma a decisão de fazer

um curso médio de contabilidade e gestão, já que seu amigo Job lhe incentivara dizendo que era boa em matemática. Futuramente isso lhe seria muito útil na administração das finanças do restaurante que ela iria usurpar da falecida Dona Ester: “Foi assim que Himba optou por contabilidade e gestão, uma carreira garantindo futuro risonho no capitalismo, como declarou Radamel ao saber da decisão dela. Ironia escondida na declaração do arquiteto?” (p. 298).

Também começam a mudança de vestimentas, como os conselhos também para que se “adaptasse “ao sistema, simbolicamente representado com a mudança de roupas:

São necessárias no entanto outras coisas, por exemplo roupas e sapatos, não podes vestir sempre da mesma maneira, serias muito desprezada...é isso mesmo, esta sociedade é tão cruel como outra qualquer, um estudante de certo nível já tem de se apresentar melhor que o nível de ensino inferior, para não sofrer a troça escondida dos colegas. (p. 297)

Encontra-se esse mesmo conselho nas considerações de Walter Benjamin para os cidadãos que se defrontam com um salão burguês. Mais uma estratégia para apagar o trauma?

“Apaguem os rastros!”, diz o estribilho do primeiro poema da Cartilha para os cidadãos. Essa atitude é a oposta da que é determinada pelo hábito em um salão burguês. Nele, o “interior” obriga o habitante a adquirir o máximo possível de hábitos, que se ajustam melhor a esse interior que a ele próprio. (BENJAMIN, 1985, p. 115-116)

Como as narrativas de Himba e Sofia se alternam no romance, o episódio da internação de Ezequiel é narrado quase paralelamente à ida de Himba para o orfanato, o que pode ser muito significativo. “Internar” também poderia significar enterrar – lembre-se dos antigos conventos. Assim, Sofia buscava “enterrar” seu passado. Em seu espaço que ocupa na sociedade, Perrot lembra como ao longo da história a sociedade patriarcal ou masculina sempre procurou esconder as mulheres seja sob véus, ou enclausuradas em seus lares ou conventos, sendo que:

Uma mulher em público está sempre fora de lugar”, diz Pitágoras. “Toda mulher que se mostra se desonra”, escreve Rousseau a D'Alembert. O que se teme: as mulheres em público, as mulheres em movimento. A dissimetria do vocabulário ilustra esses desafios: homem público é uma honra; mulher pública é uma vergonha, mulher da rua, do trottoir, do bordel (...). (PERROT, 2007, p. 136)

Outro aspecto é que o lar ou orfanato, administrado por um padre chamado Adão (na Bíblia era o primeiro homem puro, mas que sucumbiu e caiu, ou seja, foi

corrompido) no qual Himba foi acolhida, era público. Já o de Ezequiel era particular. Ou seja: uma entidade pública justa *versus* um capitalismo embrutecido. O padre Adão, mesmo não podendo-se dizer que era comunista ou socialista, dirigia uma igreja pobre com poucos recursos, era pacificador, engajado e possuía ideais libertários.

No orfanato ocorre ainda a cena de um terceiro estupro – na verdade, uma tentativa – quando a protagonista já passava por um processo de transição. Mas a essa violência ela reage ao seu agressor, não sabendo depois se o matara ou não com uma pedra:

(...) numa vinda para o lar, com a noite a cair. Na estrada mesmo que dava para o dormitório, foi empurrada de repente para o capim da beira. Caiu, largando a pasta com os livros um homem se atirou sobre ela, tentando dominá-la. Estava escuro e não havia mais ninguém na estrada. A casa vizinha parecia desocupada e o terreno ainda distava um pouco da do outro lado, onde uma luz bruxuleava na noite. O homem ficou sobre ela e tentou lhe imobilizar os braços. Himba lutou e ele mudou de ideia, lutou para lhe levantar a saia. **E depois a menina pensou, vi muitas lutas e sei tudo sobre a autodefesa, só devo recordar.** Como se tivesse ouvido a voz de Tobias, **numa luta o primeiro mandamento é não perder a cabeça. Ele vai ainda gastar muito tempo na preparação e teria a minha oportunidade,** a qual pode estar ao lado. Aconteceu de facto. O homem, considerando-a dominada, se ergueu um pouco para baixar as calças e ela aproveitou. A pedra já estava na sua mão esquerda há momentos, tinha-a encontrado ao procurar de um lado e outro sorrateiramente. Ele nem adivinhou o que podia ser aquele gesto dela, o braço no chão para a cabeça dele. Caiu para o outro lado, inanimado. Ela afastou o corpo, evitou tocar por causa do sangue, apanhou as suas coisas e correu para o lar. (p. 304, grifo nosso)

Portanto, é no orfanato onde Himba começa finalmente a usar as armas que tem, aprendendo a se defender e reagir. Aprendendo principalmente a mentir e manipular, com a mudança de nomes. Como diz Silva “O espaço e o tempo no lar são onde Himba tomou algumas das suas primeiras decisões ambíguas, enquanto buscava apagar o seu eu, algumas dessas decisões ela fez segredos consigo mesma” (SILVA, p. 112). É um espaço de reflexão, preparação e aprendizado e, sobretudo, o local onde ela muda seu nome de Himba para Sofia.

#### 4.2.5 Apartamento

O primeiro espaço-tempo no romance é a Guerra Civil (1975-2002); o segundo espaço-tempo é o pós-guerra. Esse segundo momento inicia-se no ano de 2002 e prossegue até os dias atuais. Nesse período, há a presença no país do exército da ONU

para pacificar e tentar resolver o problema das minas terrestres e ajudar na reconstrução do país. Angola revela-se, nessa altura, ser um país com grandes riquezas naturais: o petróleo (controlado no período da guerra pelo MPLA) e as minas de diamantes (antes controladas pela UNITA). Tudo isso fez Luanda se tornar uma das cidades mais caras do mundo, principalmente no setor imobiliário. É justamente, nesse cenário, que o autor apresenta Sofia pela primeira vez ao leitor, e seu irmão, Diego Moreira, no momento em que estavam organizando seus pertences no apartamento para onde tinham mudado há pouco tempo. Um espaço que representava, pela primeira vez, acolhimento e segurança:

Embora o apartamento, de facto não lhe pertencesse, apenas alugado numa urbanização acabada de construir. (...) Podia chamar de seu, mesmo se havia outro dono, o verdadeiro, empresa de alguém invisível. Era a primeira pessoa a usá-lo, **tinha por isso muito significado**. (p. 21, grifo nosso)

Sofia queria tudo novo. Nada de restos. O apartamento confortável contrasta vivamente com os locais que os dois dormiam quando moravam nas ruas de Luanda, onde usavam até as rochas como travesseiros. A dureza e aspereza desse espaço antigo ia ser transportada para o interior de Sofia, que necessitava ser fria, cruel e calculista:

Estamos melhor aqui que nos rochedos.  
Não eram rochedos, quis ela dizer, eram blocos de cimento. Mas ficou só calada, (...) Na Gabela devia haver muitas grutas em rochedos, era terra de montanhas, como lhe dissera Kassule, igual que na terra dela, só com mais florestas e plantações de café. Portanto, ele tinha todo o direito de chamar aos blocos o que quisesse.  
Até chamar de seio materno, se lhe desse para aí. (p. 63)

Mas a maior motivação pela mudança era que Sofia estaria mais próxima do trabalho, “o restaurante ficava perto, por isso tinha escolhido aquela urbanização, um dos resultados da explosão imobiliária em Luanda” (p. 21). O trecho aparenta demonstrar o crescimento econômico de Luanda e acontece, concomitantemente, com a ascensão social de Sofia:

(...) a cidade crescia, havia ansiedade e expectativas no ar, de novas obras, empreendimentos grandiosos, muito dinheiro a jorrar do petróleo, compras exuberantes, luxos ostentados por garotos, ganância e contratos duvidosos. Aproveitaria a sua oportunidade de ouro (p. 27).

Nesse espaço, é evidente que Sofia não deseja lembrar o passado. Isso está patente para o leitor, pois em nenhum momento ela fala de sua vida passada: família,

desilusões, maus-tratos etc., e nem o narrador revela ou dá pistas, de maneira evidente, que Himba e Sofia são a mesma.

Todavia, após em uma (re)leitura mais atenta, nota-se que em pequenos trechos ela se denuncia, como no momento em que aprecia o espaço do seu novo apartamento e as mobílias, recentemente adquiridas, a qual utilizava como subterfúgio para tentar esquecer seu passado, sua antiga identidade, mas que, ao final, acaba confessando para si mesma que era uma difícil tarefa, conforme descrito abaixo:

As mobílias tinham sido adquiridas uma semana antes e os aparelhos eram na sua totalidade novos. Ia deixar o antigo kubiko com a mobília velha lá dentro, o dono achara bom negócio. Vida nova, casa nova, tudo novo. **Cabeça nova? Isso já era mais difícil.** (p. 23, grifo nosso)

Contrastando com esse ambiente fechado – que representava uma nova vida com móveis novos, seguro e feliz – o narrador destaca, exteriormente, a nova imagem da cidade de Luanda, onde não apresentavam não mais os cenários de horrores da guerra, mas sim investimentos de grandes obras de infraestrutura, urbanização e novas construções com grandes prédios, na cidade pós-moderna, dando ênfase às famílias angolanas mais pobres que foram remanejadas para casas econômicas para abrirem espaço para as instalações da burguesia e dos grandes empresários. Assim, iriam para longe do centro e serviriam apenas como mão-de-obra para a burguesia local. Uma crítica pontual acerca do capitalismo e a capacidade da sua transformação social contundente onde as regras básicas estão baseadas nos lucros:

[...] por isso tinha escolhido aquela urbanização, um dos resultados da explosão imobiliária em Luanda. Se viam ruas gigantescas e a cidade velha, como chamavam alguns ao centro tradicional e seus musseques, se ia envaidecendo de prédios de trinta andares, alguns espelhando em várias cores. Ao mesmo tempo, para os três pontos cardeais, norte, este e sul, se multiplicavam condomínios para ricos e urbanização para a classe média, enquanto que muitos moradores dos musseques eram atirados para o Zango e outros bairros de casas econômicas, melhores que as suas anteriores, mas demasiado longe do centro, onde permanecia o trabalho e a clientela. (p. 23)

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres: ou,

no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (cf. BOURDIEU, 2012, p. 18).

O que se torna relevante observar, no contexto do espaço de Luanda em reconstrução, sob o olhar da base filosófica do materialismo histórico de Marx (1949), é forma clara e objetiva como avanço do capitalismo, na superestrutura da base econômica da capital, mostra uma organização social que surge e se desenvolve em consequência das forças produtivas, de outras formas mais elevada, a exemplo do que o capitalismo nasce do feudalismo. Em outras palavras, é a matéria em via de desenvolvimento, a consciência social do homem, apesar de toda sociedade burguesa tentar conter a teoria revolucionária do materialismo para eternizar o regime capitalista, tendo em vista que o materialismo, de acordo com Marx, é a única filosofia, consequente e fiel a todos os ensinamentos das ciências naturais.

#### **4.2.5 Restaurante**

Antes de ser proprietária do restaurante, Himba e Kassule lutavam por restos de comida do lado de fora do estabelecimento (a narrativa não diz se era o mesmo imóvel). De repente, a clientela – juntamente com as transformações sociais que ao redor do país– foi mudando para uma mais requintada. Assim, a personalidade de Sofia, foi aos poucos, se modificava. Desta forma, como já referido, o espaço refletia a mudança que se fazia em seu interior:

(...) e a clientela triplicou, tornando em poucos anos uma espécie de cantina de trabalhadores das obras no Morro Bento num restaurante renomado nas urbanizações mais próximas. Uma das últimas aquisições em termos de clientela era a juventude de um condomínio muito reservado e resguardado que apreciava os jantares mais caros da casa. (p. 26, grifo nosso).

É no restaurante onde acontece um outro momento de epifania, quando Sofia estava criando novas receitas para o restaurante. Contrastando com o crescimento da cidade de Luanda, com novas obras e empreendimentos, ostentações de luxo, contratos duvidosos, ganância e compras extravagantes – tudo isso proporcionado pelo dinheiro jorrado com o petróleo – como diz o narrador (p. 28), a oportunidade de uma virada na perspectiva de vida de Sofia surge na forma de uma caldeirada de peixe:

Estava mesmo bom e Sofia elogiou, sim, senhora, aposto que em Luanda não há caldeirada de peixe como esta. Dona Ester não lhe cobrou o almoço, oferta da casa. Perguntou o que ela fazia e ao ouvir falar de contabilidade fez uma careta, que pena, tinha esperança que quisesse trabalhar comigo. **Com liberdade de mudar os temperos como quiser. Foi a epifania.** Porque não? (2017, p. grifo nosso)

Ou seja, “mudar os temperos” representa uma metáfora: era um momento de transformação, de mudar o trato com as pessoas, com a sociedade angolana e a própria transformação do país. Sofia começava a mudar também os “temperos” de sua vida “como quisesse”. Assim, a forma como ela reagiria às consequências da guerra, a forma como ela iria tratar as pessoas, seus compatriotas angolanos, com frieza e até mesmo uma certa crueldade, são descritos na seguinte passagem:

O restaurante ficava perto, por isso tinha escolhido aquela urbanização, um dos resultados da explosão imobiliária em Luanda. Se viam ruas gigantescas e a cidade velha, como chamavam alguns ao centro tradicional e seus musseques, se ia envaidecendo de prédios de trinta andares, alguns espelhados em várias cores. Ao mesmo tempo, para os três pontos cardeais, norte, este e sul, **se multiplicavam condomínios para ricos e urbanizações para a classe média, enquanto muitos moradores dos musseques eram atirados para o Zango e outros bairros de casas econômicas**, melhores que as suas anteriores, mas demasiado longe do centro, onde permanecia o trabalho e a clientela. (p. 22-23, grifo nosso)

Em uma passagem, Diego retrata muito bem, o lado de cá e da visão do balcão daqueles que pouco têm esse privilégio ao entrar no bar. Quando estavam cuidando dos preparativos do velório de dona Ester, Diego visita Sofia no bar e, pela primeira vez, dá a volta no balcão e tem a perspectiva de quem estava do outro lado, um panorama completo do restaurante, como uma tela. Assim, ele reflete, através, de sua memória, faz uma análise e Sofia percebe isso:

-Posso beber uma cerveja? – perguntou Diego.  
Ela apontou o frigorífico maior no bar, traz uma também para mim, os copos estão por baixo do balcão. Era a primeira vez que estava os dois sozinhos no restaurante. Das poucas vezes que ele fora lá para tratar de algum assunto, havia sempre gente, trabalhadores e clientes. **Fazia impressão olhar o restaurante a partir do balcão do bar.**  
**Impressão estranha** (p. 208, grifos nosso)

Desta forma, Diego começa a divagar, ou melhor, a fazer uma interessante reflexão sobre o comportamento da sociedade angolana naquele período pós-guerra:

“Talvez fosse uma boa ocupação, embora não percebesse grande coisa de bebidas. Pelo menos tinha uma perspectiva privilegiada dos clientes, tipos humanos, comportamentos, dissimulações” (p. 208).

Dentre todos os espaços cronotrópicos apresentados, o restaurante é o único que foi visto tanto do lado de fora quanto do de dentro. Por uma Himba criança e, em seguida, por uma Sofia adulta. Uma personalidade que ainda era indefesa e pobre; e uma outra próspera e que sabia se defender, todavia ambiciosa, calculista e insensível. Duas faces de Angola formadas pela guerra.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora já não desejava mais nada, ficava satisfeita com o que tivesse, só tinha de andar, andar, evitar pensar, evitar fazer comparações com outras vidas, o passado se enterrava automaticamente, inútil fazê-lo ressuscitar, pois só trazia sofrimento, saudade, angústia. Devia agradecer cada minuto de vida e viver assim, cada minuto de sua vez.

O futuro não existe para gente como nós, só o minuto em que ainda cá estamos. (PEPETELA, 2017, p. 233)

A felicidade jamais se alcançará definitivamente; é necessário conquistá-la dia a dia, com uma inabalável esperança no futuro, mas também com os ensinamentos do sofrimento passado. (MOMPLÉ, 2017, p. 78)

Na parte introdutória dessa dissertação, refere-se que é comum que os romances escritos nas literaturas africanas em língua portuguesa busquem em suas temáticas evidenciar uma identidade. Pepetela, através de sua escrita ficcional, tenta reescrever a história angolana a partir da visão dos que são considerados subalternos, dos que foram violentados pela guerra civil, para se melhor compreender as consequências nefastas que permaneceram (e permanecem) no país. Sobre sua escrita, em *Se o passado não tivesse asas* é patente: “eficazes metáforas do sofrimento generalizado de uma população que, mesmo depois de ultrapassada uma guerra fratricida, continua atormentada por traumas e fantasmas de um passado afinal ainda presente” (FERREIRA; ALMEIDA, 2017, p. 243).

Avaliando todo o percurso dessa pesquisa, descortina-se vários vieses analíticos no romance que agora que não puderam ser analisados com profundidade, mas que permanecem convidativos para pesquisas futuras sobre a escrita pepeteliana, inclusive de temas como a guerra, o trauma, a identidade angolana, a memória e a fusão entre o tempo e o espaço.

Em nossos objetivos iniciais, propôs-se demonstrar o que corrompeu a protagonista. Ao chegar em nossas considerações finais talvez o uso do vocábulo “corromper” seja um termo muito forte ou maniqueísta, pois como uma resposta dada pelo próprio Pepetela “na guerra cada um usa as armas que tem”. Não conseguiu-se, nesse estudo, responder de forma conclusiva se Sofia foi vítima, heroína, vilã ou simplesmente uma sobrevivente, tendo vista o seu caráter dúbio. A personagem assim se apresenta de formas multifacetadas.

Acerca de buscar “desvelar” os acontecimentos traumáticos de forma metonímica e metafórica, no tempo e no espaço, e que foram “camuflados” na memória

da protagonista, nota-se que os embasamentos teóricos (os conceitos teóricos do cronotopo, de Bakhtin e sobre as “lembranças encobridoras” de Freud), se mostraram válidos. Destacam-se na análise a perda dos sapatos e o desejo em furtá-los, os ossos ruídos, o rugido do Leão e da Leoa, o medo em dirigir, a mudança de nome, a perda do documento de identidade, a aversão em ter um relacionamento amoroso ou filhos e o desejo em possuir um restaurante, dentre outros. Essas passagens escondem, efetivamente, os traumas causados pela guerra, dentre os quais destacamos: o estupro, a fome, dormir sem um teto ou conforto, enfim, o medo de que tudo voltasse. Nessas diversas citações do romance, descobriu-se resquícios dos traumas e suas tentativas de encobri-los. Todavia, devido aos delimites do presente trabalho, não conseguimos nos ater a todos.

Analisando os espaços que foram escolhidos nessa análise, como a floresta, a ilha de Luanda, o orfanando e o apartamento, e cotejando as duas narrativas que são postas paralelamente no romance, percebe-se que há “fios invisíveis” que as ligam e explicam as motivações, os medos e os desejos das personagens. Nesse trajeto analítico, não se seguiu uma análise “linear”, mas comparou-se, buscando nos traumas e nos seus desdobramentos metonímicos, as ligações que forjaram a identidade da protagonista. Por esse viés, assim como a paisagem de Angola muda com a prosperidade trazida com o Petróleo, assim muda sua vida econômica, sua aparência, mas, paradoxalmente e contrariando o que esperávamos ao final dessa análise, o interior da personagem protagonista não se altera. Ela é a mesma pessoa. Sempre fora. Seu passado também era o de seu país. Nunca pertencera aos novos ricos que frequentavam seu restaurante. Não nascera rica. Tivera que conquistar. E o futuro próspero dado pelo petróleo ao país se transmutava em ambição.

Sob um ponto de vista psicológica, Himba e Sofia vivem contextos e possuem personalidades aparentemente diferenciadas. Todavia, há algo que as iguala: o trauma e as consequências de guerra. Só há uma identidade e mesmo assim essa mesma ainda está em formação, pois representa a identidade do próprio povo angolano, bem como a memória coletiva dos mesmos, conforme conceito de Joël Candau.

Comprova-se, através da análise das estratégias narrativas presentes em *Se o passado não tivesse asas*, que os traumas de guerra da personagem protagonista referem-se ao espaço, que é o mesmo da guerra, e ao tempo que também é igual ao da memória, ou seja, tempo e espaço se fundem em uma leitura na perspectiva bakhtiniana

do cronotopo. Percebe-se que em *Se o passado não tivesse asas* a fusão entre o espaço e o tempo é uma estratégia narrativa para demonstrar que a guerra está em toda parte, até nos acontecimentos da vida das personagens e em espaços e objetos mais inusitados.

O que vimos nesse contraste entre as duas personagens transitando entre esses espaços traumáticos? Angola é um país que ainda (tenta) esquecer seu passado traumático, mas não consegue, visto que as cicatrizes das consequências da guerra ainda permanecem.

Portanto, por mais que a guerra tenha destroçado Angola, ela “permaneceu” nos pensamentos de Sofia. Por isso, a protagonista fala com tanta frequência sobre memória e lembranças ao longo da narrativa. A guerra não só permanecia aos pensamentos, mas ainda continua na luta pela sobrevivência diária dos que não foram mortos por ela, sendo também percebida na tensão das relações entre os personagens. A guerra está na memória, no espaço, na narrativa e na constituição dos personagens, nesse “entre-lugar”: identidade, fronteira, espaços demarcados, desterritorialização e na busca de um lugar nessa sociedade pós-guerra.

Como uma conclusão que não seja definitiva, espera-se que este estudo possa contribuir para a relevância dos estudos traumáticos de guerra na perspectiva feminina das literaturas, não só angolana, mas em todas as africanas escritas em língua portuguesa e suscite novas pesquisas sobre trauma, memória e identidade na escrita pepeteliana.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Denise Borille de. **Nas tramas do trauma: as mulheres, a guerra e a escrita feminina em literaturas de língua portuguesa**. Tese (Doutorado em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa), Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, 2016.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019
- ARISTÓTELES. **Poética**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- BEZERRA, Lúcia Pereira; ARAUJO, Susylene Dias. **Filhas da guerra: uma análise da mulher da colônia e pós-colônia no romance Se o passado não tivesse asas, de Pepetela**. Revista Africa e Africanidades. Ano XII, n. 30, maio de 2019.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Obras escolhidas: magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- CASTRO, Souza. **Trilhas do medo: um testemunho sobre a guerra civil de Angola**. São Paulo: Editora Nativa, 2000.
- CHAVES, R. **A formação do romance angolano**. São Paulo: Via Atlântica, 1999.
- DÄLLENBACH, Lucien. **Le récit spéculaire**. Paris: Seuil, 1977.
- DAMATTA, Roberto. **Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade**. Mana, 2000, vol.6, n.1.
- DUTRA, R. **Pepetela e a elipse do herói**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FERREIRA, Patrícia Isabel Martinho; ALMEIDA, Leonor Simas. **Os órfãos da ilha de Luanda em Se o passado não tivesse asas – ou a história recente de um vasto**

**segmento da sociedade angolana.** Revista Via Atlântica, São Paulo, N. 31, 227-247, Jun/2017.

FILHO, Josiel Ferreira de Oliveira. O intelectual negro em busca de um povo. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. (org.) **África: dinâmicas culturais e literárias.** Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: FREUD, Sigmund. **Primeiras publicações psicanalíticas (1893–1899).** Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GÊNESIS. In: **BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Paulus, 2002.

GINZBURG, Jaime. Guimarães Rosa e o terror total. In: CORNELSEN, Elcio; BURNS, Tom. (org.). **Literatura e guerra.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência.** Rio de Janeiro, Editora 34/UCAM, 2002.

HOGAN, Deirdre. **Feminismo, classe e anarquismo.** São Paulo: Faísca, 2009.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HOBBSBAWN, Eric J. **A era dos impérios.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSBAWN, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JACOB, Sheila. **Resenha do livro Se o passado não tivesse asas, de Pepetela.** Revista Mulemba / Revista do Setor de Letras Africanas de Língua Portuguesa - Departamento de Letras Vernáculas. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 14, número 2, jul-dez 2016.

LORENZ, Federico. Resistências. In: SARMENTO-PANTOJA, Augusto (et. al.). **Memória e Resistência: percursos, histórias e identidades.** Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2012.

MOMPLÉ, Lilian. **Ninguém matou Suhura.** Maputo: Associação dos escritores moçambicanos, 2007.

NASCIMENTO, Allan. **Obstáculos aos direitos humanos das mulheres deslocadas internamente: o caso angolano.** Luanda: Revista Angolana de Sociologia, 2014.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo.** 1.ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

- MACHADO, Ana Maria. **Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MELO, Rosa. **Homem é homem. Mulher é sapo: gênero e identidade entre os Handa no Sul de Angola.** Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- MIGNOLO, Walter D. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade.** Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: <[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624094657/6\\_Mignolo.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624094657/6_Mignolo.pdf)>
- MEMMI, Albert. **Retrado do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- NASCIMENTO, Érick Teodósio do. **A ascensão da epifania em contos modernos e contemporâneos.** Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2016.
- PENNA, Tiago. **A nova barbárie segundo Benjamin.** Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural: diálogos de gerações. Campina Grande: Editora EDUEPB, 2009
- PEPETELA. **A geração da utopia.** Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- PEPETELA. **Se o passado não tivesse asas.** Rio de Janeiro: LeYa, 2017.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- RIBEIRO, Renata de Azevedo. **“A memória como bússola”: as representações do passado na obra de Mia Couto.** Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Pelotas-RS: Universidade Federal de Pelotas, 2010.
- RIBEIRO, Lúcia Helena Marques. Um mar de utopias ou as narrativas das guerras coloniais. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. (org.) **África: dinâmicas culturais e literárias.** Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012.
- ROQUE, Fátima. **Angola: em nome da esperança.** São Paulo: Bertrand Editora, 1994.
- SOUZA, Renata Cristine Gome de; SILVA, Renata Flávia da. **A impossibilidade da construção da heroína: uma análise da construção de Sofia de *Se o Passado Não Tivesse Asas*.** Anais do IX Sappil – Estudos de Literatura, UFF, nº 1, 2018.
- SHARPE, J. **A História vista de baixo.** In: BURKE, P. (Org.). Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Edunesp, 1992.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **História Geral da África: século XVI ao século XX.** Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SILVA, Daniel Fernandes da. **Se o passado não tivesse asas em uma Terra Sonâmbula: a complexidade da sobreposição no espaço-tempo de Angola e de Moçambique.** TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará: Marabá, 2020.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.